

TUA

Claudia Piñeiro



VERUS
EDITORIA



Claudia Piñeiro

TUA

Tradução
Marcelo Barbão



VERUS
EDITORIA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Katia Rossini

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Capa

Adaptação da original (© más!gráfica)

Projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Título original

Tuya

ISBN: 978-85-7686-422-6

Copyright © Claudia Piñeiro, 2006

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Literarische Agentur Mertin,
Inh. Nicole Witt, Frankfurt, Alemanha.

Tradução © Verus Editora, 2015

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Piñeiro, Claudia, 1960-

Tua [recurso eletrônico] / Claudia Piñeiro ; tradução Marcelo Barbão. - Campinas, SP : Verus, 2015.

recurso digital

Tradução de: Tuya

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-422-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção policial argentina. 2. Livros eletrônicos. I. Barbão, Marcelo. II. Título.
15-19306

CDD: 868.99323

CDU: 821.134.2(82)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico



Naquela época, havia mais de um mês que Ernesto não fazia amor comigo. Ou talvez dois meses. Não sei. Para dizer a verdade, não me importava muito. Eu chego à noite muito cansada. Parece que não, mas as tarefas da casa, quando queremos ter tudo perfeito, são esgotantes. Se fosse por mim, apoiaria a cabeça no travesseiro e dormiria ali mesmo. Mas a gente sabe que, se o marido não nos procura por tanto tempo, não sei, falam tantas coisas. Eu pensei: *Tenho de falar com Ernesto, perguntar se está acontecendo alguma coisa.* E quase falei. Mas depois disse para mim mesma: *E se acontece o mesmo que com minha mãe, que foi perguntar e o tiro saiu pela culatra?* Porque ela via meu pai meio estranho e um dia perguntou: “Você tem alguma coisa, Roberto?” E ele respondeu: “Sim, não te aguento mais!” Foi aí mesmo que saiu batendo a porta, e nunca mais voltamos a vê-lo. Minha pobre mãe. E eu mais ou menos imagino o que estava acontecendo com Ernesto. Ele trabalhava como um camelo o dia todo e, quando sobrava um minuto, ia fazer algum curso, estudar algo, como poderia não chegar esgotado à noite? E então disse a mim mesma: *Eu não vou ficar*

perguntando, se tenho dois olhos para ver e uma cabeça para pensar. E o que via era que tínhamos uma família ótima, uma filha a ponto de terminar o ensino médio, uma casa que muita gente invejava. E que Ernesto me amava, isso ninguém poderia negar. Ele nunca deixou faltar nada. Então fiquei mais tranquila e pensei: *O sexo voltará quando for o momento; tendo tantas coisas, não vou ficar presa justamente na única coisa que falta.* Porque, além do mais, a gente já não vive nos anos 60, agora sabemos que há outras coisas, tão ou mais importantes que o sexo. A família, o espírito, relacionar-se bem, a harmonia. Não há muita gente que se dá bem na cama, mas na vida só vive na porrada? Ou não? Para que ficar procurando pelo em ovo, como fez minha mãe?

Mas, pouco tempo depois, fiquei sabendo que Ernesto me enganava. Fui procurar uma caneta e, como não encontrava nenhuma, abri a maleta dele e ali estava: um coração desenhado com batom, cruzado por um “Te amo” e assinado “Tua”. Uma coisa muito brega, mas a verdade é que, naquele momento, doeu. Estive a ponto de esfregar o papel na cara dele e falar: “Seu grande filho da puta, o que é isso?” Mas por sorte contei até dez, respirei fundo e deixei tudo como estava. Foi complicado fingir durante o jantar. Lali estava num daqueles dias em que ninguém a aguenta, a não ser Ernesto. Eu já nem me importava; nossa filha era assim mesmo, e eu estava acostumada. Mas era difícil para Ernesto. Ele falava com ela, que respondia com monossílabos. Eu não estava em condições de contribuir; já era suficiente o que tinha descoberto. Mas tinha medo de que alguém notasse. Sempre tampo todos os silêncios, cubro os buracos quando uma conversa não está andando bem. É como um dom que tenho. Para evitar suspeitas, disse que me sentia mal, que estava com dor de cabeça. Acho que acreditaram. E, enquanto Ernesto monologava com Lali, eu tentava imaginar o que ia dizer. Porque minha primeira reação de perguntar “o que é isso?” já tinha sido descartada. O que ele me responderia? Um papel, com um coração, um te amo, uma assinatura.

Não, essa seria uma pergunta estúpida. O importante era saber se o tal papel significava algo para ele ou não. Porque, realmente, e por mais que seja difícil, toda mulher, em algum momento, leva uns chifres. É como a menopausa: pode demorar mais ou menos, mas nenhuma se salva. O que acontece é que algumas nem ficam sabendo. E estas se dão melhor, porque para elas a vida continua igual. Por outro lado, nós, as que descobrimos, começamos a nos perguntar quem será ela, onde erramos, o que temos de fazer, se devemos perdoar ou não, como fazer com que paguem o que nos fizeram; e, até que o dito-cujo tenha deixado a outra, o enredo mental que montamos é tão grande que não podemos mais voltar atrás. Até corremos o perigo de terminar inventando uma história muito mais grave e rebuscada que a verdadeira. E eu não queria me equivocar, como se equivocam tantas mulheres. Porque, realmente, uma mulher que desenhava um coração com batom e assinava “tua” não poderia ser alguém tão importante na vida de Ernesto. Eu conhecia meu marido, ele detestava esse tipo de coisa. *Deve ser um tesão passageiro*, pensei. Porque hoje em dia as mulheres estão muito atiradas. Veem algum cara e tentam, tentam, e o cara, se não faz algo, se sente um imbecil. *Na verdade*, disse para mim mesma, *para que vou encarar o Ernesto e ficar cobrando uma posição, quando, dentro de uma semana, esta mulher já vai ser passado*. Ou não?

A única coisa importante era ficar alerta, ter certeza de que a relação não ia avançar. Por isso comecei a revistar seus bolsos, abrir a correspondência, controlar a agenda, escutar no outro telefone quando ele falava. Todo esse tipo de coisa que qualquer mulher faria em um caso como este. Como imaginava, não encontrei nada importante. Um ou outro bilhete, mas pouca coisa. Até que comecei a notar que Ernesto chegava cada vez mais tarde, trabalhava nos fins de semana, nunca estava presente. O único compromisso ao qual nunca faltava eram as reuniões para a viagem de formatura de Lali. Mas, de resto, ausência sem aviso. Então fiquei preocupada porque, se ele saía sempre com a mesma mulher, a coisa

poderia ficar feia. Um dia, resolvi segui-lo. Foi uma terça-feira; lembro-me do dia exato porque vínhamos de uma reunião cujo tema era a viagem de Lali. Ernesto já estava mal, mas não me surpreendeu, porque essa viagem o estava deixando louco. Eu achava que ele estava exagerando um pouco; todos sabem que essas viagens são meio caóticas, mas é preciso confiar na educação que demos aos filhos. O que mais é possível fazer? Ernesto queria controlar tudo, parecia que estava tudo mal organizado. Assim que chegamos, Lali se trancou em seu quarto; vive trancada nesse quarto. Fomos para a cozinha comer alguma coisa. Foi aí que tocou o telefone e Ernesto atendeu. Era tarde, diria que uma hora imprópria para alguém ligar para uma casa de família. Ernesto ficou nervoso, mais do que já estava, começou a discutir e, de repente, foi ao escritório para falar mais tranquilamente. Eu tirei o telefone da cozinha do gancho e consegui escutar que ela dizia: “Se não vier agora mesmo, não sei o que faço”. E desligou. Ernesto voltou para a cozinha; dissimulava, mas os olhos brilhavam e estava com a mandíbula rígida. “Aconteceu um problema muito sério no escritório, caiu o sistema.” “Vai, vai tranquilo levantar o sistema, Erni”, falei. Saí atrás dele, peguei meu carro e o segui. Não costumo dirigir, muito menos à noite, mas era um caso de força maior. Não ia ligar para um táxi e falar: “Siga aquele carro!”, como nas séries. Não conseguia imaginar o que ia encontrar! Ele foi até os bosques de Palermo e estacionou perto do lago. Eu apaguei os faróis, para que não me visse, estacionei a uns cem metros, desci do carro e me aproximei. Fiquei escondida atrás de uma árvore. Logo depois ela chegou, a Tua, caminhando. Era Alicia, a secretária dele; nunca teria imaginado que aquela mulher pudesse escrever com batom um coração e um “te amo” para um homem casado. Pois até a achava simpática. Uma garota tranquila, simples, com um estilo muito semelhante ao meu. Ela se aproximou e envolveu seu pescoço. Quis beijá-lo, mas ele a afastou. Ernesto parecia bravo. Discutiram. Ela chorava e o abraçava, ele estava

cada vez mais furioso. Comecei a me tranquilizar; evidentemente, não era uma relação que funcionasse bem. Ernesto nunca, nos dezessete anos em que estávamos casados, me tratou dessa maneira. Ele quis ir embora e ela tentou detê-lo. Ele se soltou. Ela insistiu, e ele acabou por empurrá-la. Teve tanto azar que a cabeça dela foi dar bem em um tronco que estava no chão, e ficou imóvel. Ernesto enlouqueceu, começou a sacudi-la, tomou seu pulso, até tentou fazer respiração boca a boca. Mas nada, uma desgraça. Eu não sabia o que fazer, não ia me apresentar assim, do nada, e falar: “Ernesto, quer uma mãozinha?”

Então fui para casa, era o mais sensato.



- Oi... Paula?
- Sim, quem é?
- Lali...
- Ah, não reconheci sua voz, estou meio sonada.
- ...
- Está chorando?
- Não... Antes sim, agora não estou mais.
- Falou com seu pai?
- Não, não sei se vou falar. Viu como ele estava hoje?
- Sim, para dizer a verdade...
- Não gostava de nada.
- Ele é sempre assim?
- Não, nem sempre. Mas está doido com esta viagem.
- Está com medo, coitado.
- Sim, se vamos de avião, é porque vamos de avião; se vamos de ônibus, é porque vamos de ônibus.

— Garota, seu pai tem medo que você transe. Coitado!

— Que tonta!

— É uma piada. Mas não vai dizer que não é engraçada...

— Eu não acho nenhuma graça.

— Ria um pouco. Passou o dia todo chorando.

— Tenho meus motivos.

— Sim, eu sei.

— ...

— E se falar com a sua mãe?

— Negativo. Minha mãe não existe.

— Bom, com alguém você precisa falar.

— ...

— ...

— Pensei em ligar para o Iván.

— Não, para com isso, please. Por esse lado você já foi e só deu merda.

— ...

— Ai, não chora.

— ...

— Bom, não fale com ninguém. Deixa pra depois da viagem, tá?

— Meu velho vai morrer.

— Por isso, melhor que morra depois da viagem.

— Você vai acabar me fazendo rir...

— Promete que não vai ligar para o Iván.

— ...

— Promete, vamos.

— Certo, tchau.

— Tchau.



No caminho para casa, começou a chover. Mais que isso, era um dilúvio. As palhetas do para-brisa iam e vinham, mas não davam conta de tanta água. Para piorar, a da esquerda andava mal. Tinha de fazer muito esforço para conseguir ver. Xinguei a chuva. Mas logo encontrei o lado positivo. Sempre gosto de encontrar o lado positivo das coisas. Com a chuva, as impressões digitais do acidente iam se apagar e isso seria de grande ajuda para Ernesto. Para todos.

Olhei pelo espelho retrovisor. A estrada estava vazia. Eu me perguntava o que Ernesto estaria fazendo. Não conseguia imaginar que tivesse ido à polícia contar o que tinha ocorrido. Para que colocar a roupa suja no sol? O acidente foi um acidente. Se Ernesto fosse à polícia, fariam muitas perguntas incômodas. Por que se encontraram nos bosques de Palermo. Por que discutiram. Que tipo de relação os unia. Incômodas e, sobretudo, inúteis. Se Tua já estava morta. Nos acidentes, não há culpados, apenas vítimas. E nesse acidente havia duas vítimas. Uma, a morta, com quem, àquela altura, preocupar-se não levaria a nada. E a outra, Ernesto,

que acabara se envolvendo em um fato lamentável. Não, claro que não tinha ido à polícia. A realidade era a realidade, e as únicas testemunhas, vivas, do que aconteceu aquela noite fomos Ernesto e eu. Ambos sabíamos que, no episódio em questão, ninguém tinha culpa de nada. “A culpa é órfã”, como dizia meu pai. E minha mãe respondia: “O órfão é você”.

O que Ernesto e eu tínhamos a fazer era tentar esquecer esse episódio e seguir em frente. Quando Ernesto me contasse tudo, eu falaria. Estava preparada, até havia ensaiado. E ele devia estar morrendo de vontade de me contar tudo. Eu o conhecia tão bem! Nós sempre contamos tudo um ao outro. Estávamos juntos desde os dezenove anos. Uma ou outra coisa, talvez. Coisas sem importância. Ou coisas que é melhor não falar para cuidar bem um do outro. Porque, quando se é um casal, é preciso se cuidar todos os dias, senão a convivência vai nos matando. Na verdade, até aquele momento, ele nunca tinha me contado de Tua, algo compreensível, e eu agradeço. O que quer dizer que cuidou de mim. E o que também me mostrava que não era um assunto importante. Se tivesse sido importante, Ernesto teria contado, teria dito as coisas como eram e teria me deixado. Ernesto não é capaz de andar por aí ocultando coisas. Nem eu.

Cheguei em casa, parei o carro na garagem e o sequei. Seria difícil justificar que estivesse molhado. Não queria ter de inventar algo. Uma farmácia, uma dor de dente, não ia ter o mau gosto de inventar um velório justamente nessa noite. Além do mais, não gosto de andar inventando coisas. Quando invento algo, minha cara me denuncia.

Subi para o segundo andar. Lali dormia. Isso era importante, quanto menos ela soubesse do movimento da casa essa noite, melhor.



— Alô...

— ...

— Alô!

— O Iván está?

— Quem quer falar?

— Uma amiga.

— As amigas do meu filho têm nome.

— Laura...

— Laura... ou Lali...?

— Sim...

— O Iván está, mas não pode atender. Está dormindo.

— Ah, tudo bem...

— Espere, não desligue! O Iván me contou tudo. Sabia?

— Não.

— Eu realmente sinto muita pena de você, pelo que está passando.

— ...

— Sou mulher e te entendo, sabe?

— ...

— Claro que não deve ser fácil.

— ...

— Mas, justamente por ser mulher, vou lhe dizer uma coisa: você não tem que ligar mais para o Iván. Esse problema é exclusivamente seu...

— ...

— E olha que, como eu disse ao Ivi, não estou colocando sua boa-fé em dúvida, nem duvido que tenha sido um acidente, sabe?

— ...

— Porque outra pessoa poderia duvidar.

— ...

— Mas, bom, você vai ter que resolver o seu erro.

— ...

— Porque o erro foi seu, estamos de acordo nisso, não?

— ...

— Meu filho não sabia que isso podia acontecer. Se você não avisou, como ele ia saber?

— Eu...

— A mulher sempre tem que avisar.

— ...

— Nós duas sabemos que o que você fez não foi leal, ou foi?

— Mas eu...

— Não sei o que seus pais pensam desse assunto, não os conheço. Nem quero conhecer, não me interprete mal. Mas eu, como mãe do Iván, tenho bem claro como foram as coisas e quero que deixe meu filho em paz, está entendendo, querida?

— ...

— E, se seus pais querem falar algo, que liguem diretamente para mim ou para o meu marido. Porque, se você ou alguém da sua família continuar

incomodando o meu filho, vou ter que ir à polícia.

— ...

— Você está aí?

— Estou, mas tenho que desligar.

— Que bom que você ligou, assim conseguimos esclarecer as coisas, não?

— Tenho que desligar.

— Passe bem e não volte a ligar.

— ...

— Tchau, querida.

— ...



Fui direto para meu quarto. Queria muito saber o que Ernesto estava fazendo naquele momento. Descartada como inútil a possibilidade de que tivesse ido à polícia, pensei que talvez tivesse arrastado o corpo até o lago. Para que afundasse. Isso dificultaria ainda mais a tarefa de quem tivesse que investigar o, então talvez, desaparecimento de Tua. Essa, sim, era uma boa ideia! Se pudesse ligar para Ernesto e falar... Mas não podia. Ele não sabia que eu também era parte dessa história. Por um momento, pensei em usar a mesma tática de meu aniversário. Uma espécie de associação livre induzida. “Ernesto, ontem à noite sonhei com você. Sonhei que me dava uma jaqueta de couro cor de vinho como presente de aniversário, uma que adoro e está à venda na loja três do andar térreo das Galerias Pacífico. Sabe, foi um sonho muito lindo. Meu número é quarenta e dois.” Mas, no caso em questão, precisaria ter ligado e dito algo ao estilo de: “Ai, querido, me desculpe incomodar, mas tive um pesadelo, eu o vi arrastando um corpo até o lago de Palermo”. Muito exagerado, ele ia perceber.

Tinha de manter a calma, coisa que custava muito. Reconheço que

estava nervosa. Percebi porque não sabia o que fazer. Sempre sei o que fazer, sempre enxergo as coisas claramente. Mas daquela vez estava confusa. Tudo bem que a gente não vê uma mulher sendo morta todos os dias; e muito menos que quem a mate seja nosso próprio marido. Bom, mas não usemos “matar”, que soa um pouco forte, parece um dedo indicador agitado no ar, como o de um professor. “Acidental” talvez seja um termo mais apropriado. Ou melhor, “empurrar e desnucar sem querer”. “Desnucar” tampouco é uma palavra muito feliz. “Preterintencional.” Esta eu procurei em um dicionário jurídico na semana passada, por via das dúvidas. Por causa de um empurrão “preterintencionado” ela morreu, já era outra coisa. Porque Ernesto não colocou o tronco ali onde a cabeça de Tua foi bater. Isso foi coisa do destino, que quis que aquela mulher terminasse assim. Ou de Deus. E eu, nessas coisas, acredito. E respeito. E procuro a mensagem. Pois, por que essa mulher terminou morta nos bosques de Palermo e não passeando com meu marido pela Recoleta? As coisas são como são por algum motivo.

Mas, voltando a minha confusão, porque eu, em termos de acidente e de culpas tinha tudo bastante claro, o confuso para mim era decidir se era melhor esperar o Ernesto na cama e fingir que estava dormindo, ou esperá-lo sentada na sala. Porque, se Ernesto viesse, como eu supunha, desesperado para me contar o que tinha acontecido e me encontrasse dormindo, talvez não se atrevesse a me despertar. Mas, se me encontrasse acordada, o que eu poderia dizer para justificar minha vigília? Se era mais de uma da manhã, e eu, às dez da noite, já estou dormindo como um tronco. Pensei justamente em “tronco”.

Coloquei o pijama e me enfiei na cama. Estava incomodada. Virava de um lado para o outro. Tentei relaxar. Respiração profunda e essas coisas. Nada. Levantei e desci para a sala. Sentei na poltrona. A chuva estava cada vez mais forte. Imaginei o barro que haveria nos bosques de Palermo naquele momento. Imaginei Ernesto dando voltas com o carro para aclarar

as ideias. Imaginei-o na estrada a caminho de casa, dirigindo sob essa chuva. Lembrei-me das palhetas, aquelas do meu carro. A que não limpava e que eu deveria ter trocado há meses. A da esquerda. E disse a mim mesma: *Melhor fazer algo útil enquanto espero*. E fui à garagem para trocar as palhetas. Ernesto sempre tem peças de reposição para o carro. Velas de ignição, fusíveis, essas coisas. Conheço bastante de mecânica, mas ele não sabe que eu sei, porque se ocupar dos carros é uma tarefa dos homens, e, como dizia minha mãe, no dia em que você trocar o courinho da torneira, se ferrou, pois eles já acham que você é encanadora e nunca mais pegam numa chave de fenda, nem que a casa esteja inundada. Abri a caixa em que Ernesto guardava as peças de reposição e procurei. As palhetas estavam debaixo de tudo. Na verdade, não exatamente debaixo de tudo; quando as peguei, encontrei um envelope que, claro, abri. Porque eu tenho muita intuição e sabia que devia abri-lo. E o que havia dentro? Mais cartas de Tua. Com o batom de Tua. *Que merda de conversa eles têm para precisar de tanta carta!*, pensei. Li. Eram nojentas. *Este homem é um tremendo idiota*, pensei, *em quantos lugares da casa terá deixado pistas de seu romance?* Joguei as palhetas longe e comecei uma profunda inspeção por toda a casa. Eu já vinha revistando fazia algum tempo os bolsos, a valise, as gavetas da mesa, o criado-mudo, o porta-luvas. Mas a caixa de peças de reposição do carro supera a imaginação de qualquer um. Agitei livros, desmontei rolos de meias, tirei o fundo das malas e das bolsas. Só encontrei uma foto de Ernesto, atravessada pelos lábios de Tua. Dentro de uma caixinha de preservativos. A foto tinha uma dedicatória: “Para desfrutarmos juntos”. Foi nesse momento que ficou claro por que Deus colocou o tronco onde o colocou. Guardei a foto e os preservativos com o material que havia encontrado na minha primeira inspeção, umas semanas atrás. Pensei em queimar tudo antes que Ernesto chegasse. Dadas as circunstâncias, não era possível correr o risco de que alguém as encontrasse. Mas, sei lá, acabei guardando. Nunca se sabe. Eu tinha

montado uma espécie de esconderijo na garagem quando ainda não havia aberto minha conta no banco. Um trabalho verdadeiramente cuidadoso: havia afrouxado um tijolo, o tirado inteiro, dividido ao meio e colocado de volta no lugar de onde havia tirado. Mas dessa vez só a metade do tijolo. Com as notas atrás, claro. As notas agora estão em um lugar mais seguro. *Vai saber como acabam essas porcarias!*, pensei enquanto dobrava as fotos e as notas para que entrassem.

Naquele momento, Ernesto chegou. Eu me agachei atrás do carro para que não me visse. Seria muito estranho se ele saísse do carro e me encontrasse ali na garagem. Ia se sentir vigiado. Era melhor deixar que respirasse um pouco antes de me contar a confusão. Talvez um uísque, uns mimos, se fosse preciso. Não sei, algo que o fortalecesse. E depois a conversa e o alívio de uma vez por todas. Ernesto entrou, e dei tempo para que subisse. Sabia perfeitamente o que tinha de fazer: ir à cozinha e esquentar um pouco de leite. Depois, subir e dizer: “Olá, meu amor, não conseguia dormir. Tudo bem com você?”

Antes de sair da garagem, parei para observar o carro de Ernesto. Tinha barro até a maçaneta. Ficou evidente que, por algum tempo, teria de pensar pelos dois.



Material fotocopiado de uma publicação espanhola de prática forense, encontrado no criado-mudo de Inés Pereyra, com notas nas margens e ao pé da página, incorporadas entre parênteses ao texto na versão transcrita a seguir:

A terra da cena do crime e arredores da mesma é o lugar por onde os técnicos forenses começam sua averiguação. Embora não seja uma prova em si mesma, eles nunca deixam de extrair uma amostra dessa terra quando realizam sua inspeção em busca de provas. Hoje em dia, a investigação forense conta com técnicas muito precisas para comprovar se há restos da mesma terra na roupa ou no veículo do suspeito. *(Cuidado, lavar roupa urgente!)*

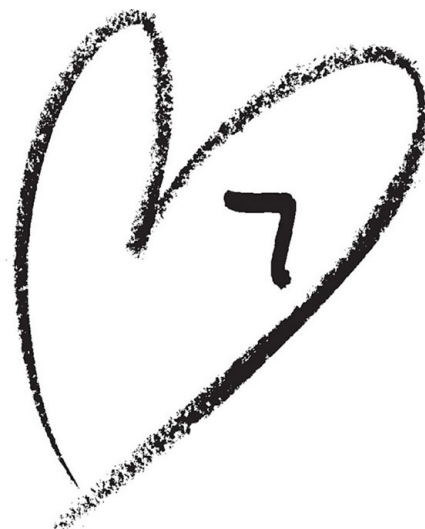
A coisa também funciona ao contrário. Se têm o suspeito, mas ainda não sabem onde aconteceu o crime, uma minuciosa inspeção de sua roupa, seu automóvel, da casa ou do local de trabalho pode mostrar claramente uma zona ou área específica onde encontrar o cadáver, se for o caso.

A inspeção do veículo é decisiva. É preciso revistar com esmero carroceria e para-choque. Se ficar comprovado que a terra ali acumulada e a terra da cena do crime são a mesma, os técnicos estarão diante de uma importante evidência. *(Limpar a fundo os dois carros!)*

O técnico também recolherá qualquer pedaço de barro que encontre na cena do crime e, posteriormente, vai compará-lo com os restos de terra presos no chassi do carro suspeito. Se uma peça encaixa na outra como em um quebra-cabeça, quem usa o veículo em questão não poderá negar que esteve no lugar dos fatos.

Outro elemento estudado pelos técnicos forenses é a marca, ou impressão, de pneus ou pisadas. Utilizam até mesmo uma técnica similar à dos dentistas, para obter moldes de gesso das impressões achadas e, depois, poder examiná-las com mais clareza. No caso de a impressão do pneu ser importante, no que se refere a tamanho e nitidez, eles poderão deduzir o modelo, o tamanho e a marca do automóvel utilizado no fato em questão. Se os pneus estavam deteriorados, farão uma identificação muito mais exata, porque o desenho padrão do fabricante terá se transformado em outro, particular, de acordo com o desgaste desses pneus. *(Irrelevante, dada a quantidade de chuva que caiu.)*

Marcas de sapatos também são analisadas. No mínimo, indicam que número calça quem usava esses sapatos. Mas, além disso, dada a diversidade de modelos de sola existente no mercado, muito provavelmente o técnico forense estará em condições de averiguar o tipo de sapato utilizado por quem, um ou mais, esteve na cena do crime. Além disso, os especialistas acreditam que são capazes de deduzir de que forma caminha a pessoa que deixou essa impressão analisando, através da mesma, como gastou a sola de seu sapato. *(Interessante, mas também irrelevante.)*



Subi ao quarto com meu copo de leite morno. Ernesto não estava ali. Saí para procurá-lo pelo corredor. A porta do quarto de Lali estava entreaberta, e me aproximei. Espiei sem entrar. Ernesto chorava, sentado no chão, perto da cama dela. Ele a acariciava. Havia tantas coisas por fazer e ele se dedicava a essas frescuras. Não se chora sobre o leite derramado. Pegamos um pano e limpamos. E, aqui, a única que tinha começado a fazer um pouco de limpeza era eu. Mas, para limpar como se deve, era preciso que Ernesto, de uma vez por todas, me contasse o que havia acontecido. E, até aquele momento, ele parecia mais interessado em chorar velando o sono de sua filhinha do coração. Deixe que ela faça o que quiser! O que acontece é que Ernesto ainda sente que tem uma dívida para com ela. E isso porque já se passaram dezessete anos. Ernesto não estava decidido a se casar, dizia que era muito cedo. “Cedo?”, disse minha mãe. Já fazia três anos que saíamos, desde os dezenove. “Você precisa pressionar, querida, se não ele nunca vai se decidir.” E eu pressionei. Não me custou nada. Fiquei logo. contei assim que fiz o teste. E ele duvidou; não de mim,

duvidou se queria ter o filho. Nunca falamos nada, mas eu sei que duvidou. Ernesto estava mudo, não dizia uma palavra. Eu não queria que seu ânimo diminuísse, por isso não parava de falar com ele. contei que tinha sonhado que o bebê tinha seus olhos. Disse que já sabia os nomes: Laura, se fosse menina, e Ernesto, se fosse menino. contei como minha mãe tinha ficado feliz quando eu lhe contara que ia ser avó. Ernesto continuava sem dizer uma palavra. “Ernesto, você não está pensando que eu devo tirá-lo, não é?” Foram palavras mágicas; Ernesto começou a chorar como uma criança. Dizia: “Me perdoa, me perdoa”. E, sem deixar que falasse mais nada, agarrei sua mão, coloquei sobre minha barriga e disse: “Bebê, apresento seu papai”.

Teria ficado esperando acordada. Queria que Ernesto me contasse tudo de uma vez por todas. Mas eram quatro da manhã e Ernesto não aparecia. Poderia ter ido buscá-lo e falado: “Ernesto, por que não deixa de palhaçada e vem deitar de uma vez por todas?” Mas não quis forçá-lo, ele tivera um dia muito duro. Não era preciso continuar pondo lenha na fogueira. Eu também precisava descansar. Tomei o leite, me enfiei na cama e dormi.

O despertador me acordou às seis e meia. Ernesto não estava a meu lado. Não era o habitual; ele nunca se levantava antes das sete. Seu lado estava intacto. Senti calafrios ao imaginá-lo dormindo, encolhido, em cima do tapete do quarto de Lali. Fui ver, mas não estava mais ali. Agora, tomava uma ducha. Corri, tinha de lavar seu carro antes que ele saísse. Deixei-o impecável a uma velocidade assombrosa. Sou boa para essas coisas. Quando entrei na cozinha, Ernesto já estava ali. Preparava o café. “Oi, querido”, eu disse. “Oi”, respondeu e se serviu de café. Sentei-me na frente dele e sorri. Queria que se sentisse tranquilo, que visse que sua mulher era um bálsamo capaz de curar qualquer ferida. “Alguma novidade?”, perguntei, sem deixar de sorrir e com o objetivo de dar o empurrãozinho que Ernesto sempre precisa. Não me respondeu. Foi difícil manter meu sorriso; ficou tenso, como uma careta. Fico tão irritada

quando Ernesto se fecha assim! Tomou seu café. O jornal estava dobrado ao lado de sua xícara, mas não o abriu. *Mau sinal, já começou a fazer burradas*, pensei. Ernesto nunca sai de casa sem ler o jornal. E o item número um do decálogo do assassino perfeito é ser fiel a sua rotina diária. Se não, é como ligar para a polícia: “Ei, rapazes, olhem, aqui estou eu, com o olhar perdido, a cara alterada, o café caído porque não consigo acertar a boca, não parece que estou metido em algo estranho?” “Ernesto, você já leu a previsão do tempo para o fim de semana?”, perguntei enquanto abria o jornal para ele e quase o enfiava em suas mãos. Ernesto fingiu que lia. *Meu Deus*, pensei, *como isso vai ser difícil!* “Ernesto... foi resolvido o problema do sistema?” Ernesto me olhou e quase tenho um ataque: seus olhos se encheram de lágrimas. Segurei a cabeça, abatida. Olhei para ele e disse: “Ernesto, deve ter sido solucionado enquanto você estava a caminho, porque uma meia hora depois você já estava em casa, eu ouvi seu carro entrando, eram dez e meia da noite, não mais que isso; e depois você não saiu mais. Não é? Você saiu às dez e estava de volta às dez e meia. Não deu tempo de chegar a lugar nenhum nem de fazer nada. Está me entendendo, não?” Não sei se me entendeu. Não só não dizia nada como também me olhava com aqueles olhos que me davam vontade de mandá-lo para o canto da cozinha, de castigo. Porque no fundo Ernesto, e esse é seu grave problema, é um menino. Nunca chegou a crescer. E eu às vezes me canso de ser a mãe dele. Afinal, por mais que amemos um homem, temos nossos limites, e há momentos em que, francamente, daria um tiro nele.

Pensava nisso de dar um tiro quando Lali apareceu. Só cumprimentou, como sempre. Ernesto a seguiu com o olhar até que se sentou; parecia que ia dizer algo, mas logo agarrou o jornal e fingiu que lia. Lali colocou açúcar no café e começou a mexê-lo. Olhava dentro da xícara enquanto mexia sem parar. “Querida, vai ficar tonta”, falei para quebrar o gelo. Ela levantou a vista, me olhou e voltou a mexer, como se não tivesse

acontecido nada. São esses momentos que me dão vontade de dar um tapa na cara dela. Mas, como disse, não era hora de colocar mais lenha na fogueira. O melhor era deixar a coisa correr. “Como dormimos bem à noite, não foi, Ernesto?” Então Ernesto olhou para mim e me entusiasmei. Mas logo voltou a olhar perdidamente para o jornal. Não havia nada a fazer, Ernesto não entendia; estava, eu diria, desconcertado. Um cara que mata uma mulher e depois fica desconcertado. Um macaco com uma navalha na mão. Um verdadeiro perigo. Voltei ao ataque: se não tomasse as rédeas da situação, estaríamos perdidos. “Às dez e meia da noite você já estava dormindo como um anjinho, não foi, meu amor?” Fiquei com o “não foi, meu amor?” no ar. Lali me olhou com ar de desaprovação, não havia motivo, mas ela sempre me olha com ar de desaprovação. Agarrou sua mochila e foi embora. Sempre me pareceu que só o fato de eu dizer uma palavra já a incomodava. Diz que falo muito. Quando falo? Além disso, se acha muito inteligente, “como papai”, dizia a cada vez que trazia o boletim. Eu sei que me subestima. Mas eu a perdoo, quem não consegue perdoar quando se trata de uma filha? Ela sempre foi muito rígida, muito estruturada, acha que ser inteligente é tirar dez em matemática. Minha inteligência é de baixo perfil, é inteligência nas sombras, sem ficar se mostrando, sem um monte de “muito bem, parabéns”. Inteligência prática, que serve para as coisas do dia a dia. Do tipo que podia salvar o pai dela de ir preso. Porque, enquanto eu montava álibis para seu inteligente pai, a única coisa que ele fazia era assoar o nariz.

Antes de ir embora, Ernesto se aproximou e me disse: “Esta noite, gostaria que tivéssemos tempo para conversar, tranquilos”. Finalmente. “Claro, meu amor”, eu disse. E, antes de sair, ele acrescentou: “Se ligarem do escritório, avise que só vou chegar ao meio-dia”.



Fiquei tentada a seguir Ernesto, odiava pensar na quantidade de burradas que esse homem poderia fazer em quatro horas. Mas tive uma ideia melhor: ir até seu escritório. Abri o armário e procurei uma roupa. Precisava estar bem. Sem chamar atenção, não podemos esquecer que havia uma morta no meio do caminho. Não gostei de nada. De alguma maneira, era uma ocasião especial. Não podemos ir ao escritório do marido de jeans e tênis. Por mais que sejam de marca. É uma questão de imagem. Precisamos ser coerentes com a imagem que os outros vão formando da mulher de um executivo. E a mulher de Pereyra não era para eles uma gorda de roupão e bobes no cabelo. Disso tenho certeza. Meu marido sempre se veste muito bem, combina a gravata com a cor das meias, me mata se a camisa que quer colocar tem uma ruga ou se os sapatos não estão bem lustrosos. É muito detalhista.

Escolhi um terninho cor de areia, elegante mas discreto, que comprei para o casamento civil de uma amiga. Acho que o usei naquele dia e nunca mais. É que vivemos em um bairro residencial, todas as casas com jardim e

piscina, e, para o dia a dia, salto alto e roupa de seda não combinam. Sem falar das meias-calças. Não se pode regar as plantas ou podar uma Santa Rita usando meia-calça. Aqui, todas vestem esporte chique, uma calça linda, uma blusa linda, colete, de vez em quando um blazer, uma pashmina. E bons acessórios, que sempre ajudam a dar um toque final.

Gostaria que mamãe me visse. Ela sempre me critica pelo modo como me visto. Diz que não me maquio, não me cuido. É que ela é tão brega, tão de apartamento. Veste-se às nove da manhã como se fosse noite, maquia-se como a uma máscara, toma banho de perfume. E já tem quase setenta anos. Parece que ficou esse costume de quando ainda achava que papai poderia voltar. Pobre mamãe. Falei isso para ela um dia, e me deu um tapa na cara.

A recepcionista me reconheceu antes que eu me apresentasse e se surpreendeu por me ver ali. Não costumo ir ao escritório de Ernesto, me meter em suas coisas. “Seu marido ainda não chegou, senhora”, disse. “Não, eu sei, justamente pedi que avisasse que até o meio-dia não estará por aqui; vou subir para avisar a secretária dele.” “Ela também não chegou”, disse. *Nem vai chegar*, pensei, e reconheço que senti um pouco de culpa por ter um pensamento tão pouco apropriado. Mas, bom, não podemos controlar até os pensamentos. Eu disse: “Vou esperar lá em cima, tenho que transmitir um recado”. E, sem mais, subi até o escritório de Ernesto. Não havia ninguém. Ernesto sempre se queixa de que ninguém chega antes das nove. Tinha meia hora para fazer meu trabalho. Revistei todas as gavetas de Ernesto. Dessa vez não encontrei nada. *Muito bem, Ernestinho, pelo menos acertou uma!*, pensei. Depois revistei a mesa dela. Nada. *Que cuidadosas essas crianças!*, disse a mim mesma. Mas, conhecendo as andanças de Tua, que assina papeizinhos com batom e dá camisinhas com dedicatória de presente, não fiquei muito tranquila. Não era possível que não tivesse uma lembrança do meu marido, uma foto, uma cueca slip (em casa usa boxer, mas, com ela, vai saber), um ursinho

com um cartão ridículo (“Me dá seu mel” ou algo assim), um poema. Não sei, algo. Essa mulher tinha que ter algo. No centro da mesa, uma gaveta pequena fechada a chave. Forcei, foi fácil, essas gavetas se abrem com um pouco de paciência. E paciência era o que eu tinha de sobra. Ainda sobra. Nada; um pouco de dinheiro, uns cheques, vales para descontar. Um molho de chaves. Isso era algo que me interessava, e cada uma com sua etiqueta. Uma secretária realmente eficiente. “Escritório senhor Ernesto”, senhor Ernesto, que filha da puta. “Recepção”, “entrada de serviço”, “entrada principal”, “sala de reuniões”, “cópia Avellaneda”. Duas chaves diferentes no mesmo aro. Fiquei com essas cópias na mão, pensando.

Do próprio telefone dela, liguei para o *rh*. Identifiquei-me, por que não?, disse que tinha que passar uma mensagem urgente de meu marido a Tua. Disse “Alicia”, claro. “E, como ela não chegou, preciso do telefone particular dela e, se possível, do endereço, para mandar um office boy com uns papéis.” Dava para ver que meu marido era muito respeitado na empresa, ou que o pessoal do *rh* era muito idiota, porque imediatamente me forneceram os dados, sem perguntar nada. Avellaneda, 345, 5º andar, *b*. Não era preciso ser muito inteligente para perceber do que se tratava “cópia Avellaneda”.

Era meu dia de sorte, realmente não contava com que as portas da casa de Tua se abrissem com tanta facilidade. Uma bênção dos céus. Mais que uma bênção, uma mensagem. Alguém lá em cima queria que eu revistasse aquele apartamento antes que a polícia chegasse.

Desci as escadas, radiante. Estava feliz. “Triunfante” seria a palavra exata. Nunca teria imaginado que a visita ao escritório do meu marido pudesse ser tão benéfica para nossos planos. Nossos, de Ernesto e meus, embora ele continuasse no mundo da lua. Cumprimentei a recepcionista com um amplo sorriso. Olhei de relance no espelho da entrada e pisquei para mim mesma.

Enquanto me olhava caminhando até a porta, brinquei com o molho de

chaves escondido no bolso do meu terninho de seda cor de areia.



- Quem te mandou?
- A prima de uma amiga.
- Foi atendida por nós?
- Não sei, ela não me disse.
- Como se chama?
- Belén Aguirre.
- Ah, sim. Você sabe como funciona isso, mamãe?
- Sim... ah, mais ou menos.
- De quanto você está?
- Não sei.
- Quando foi sua última menstruação?
- Não lembro.
- Tente lembrar, porque isso é fundamental.
- Ééé... faz uns dois meses, mais ou menos.
- Bom, se for assim, e se fizermos rápido, podemos conseguir por aspiração.

— O que é isso?

— Aspiramos, mamãe, com uma pipetinha tão pequenininha que nem incomoda. A gente enfia, aspira e sai tudo. Não é preciso fazer raspagem nem nada.

— ...

— Sai limpinho, limpinho.

— ...

— Está se sentindo mal?

— Do estômago.

— Ah, fique tranquila que isso é bastante normal. Já vai passar. Marcamos uma data, dois dias de repouso e, se a encontrar depois, não me lembro de nada. Fica como nova, vida normal.

— Dá para notar?

— O quê?

— O que vou fazer.

— E como alguém vai notar se não vamos fazer nada com você!

— ...

— Mamãe, se você não quiser que ninguém saiba, ninguém vai saber, certo?

— Certo.

— Eu vou lhe passar uma receita para algumas coisinhas que vai precisar. Um antibiótico para depois, e no dia anterior vai ter que tomar um Valium, para estar bem relaxada, certo? Isso pode te deixar um pouco tonta. Alguém vai te acompanhar?

— Não sei.

— Bom, eu recomendo que consiga alguém de confiança, uma amiga, não sei, você é que sabe, porque entre o Valium e a anestesia você vai sair um pouco tonta, e não é bom que ande assim pela rua, mamãe.

— Está bem.

— Quer fazer alguma perguntinha?

— Não.

— Então falemos dos honorários. Custa mil pesos. Tem que trazer em dinheiro, porque não trabalhamos com conta bancária, está bem? Dólares ou pesos, dá no mesmo.

— ...

— Você tem o dinheiro, não, mamãe?

— Sim, tenho sim.

— Bom, não sei, quer marcar a data agora? Que tal 10 de julho?

— Não, esse é o dia da minha viagem de formatura.

— Mas quantos anos você tem, mamãe?

— Dezenove.

— Mesmo?

— Sim... Repeti um ano.

— Porque você sabe que menores, se não estiverem acompanhadas de um maior, não podemos atender.

— Eu tenho dezenove.

— Somos muito exigentes quanto a isso, não queremos ter problemas.

— Estou dizendo que sou maior.

— Certo, mamãe, mas no dia da operação você me traz o documento, está bem?

— Tudo bem.

— Quer antes ou depois da sua viagem?

— Depois.

— Olha que não podemos deixar passar muito mais, porque senão se agarra forte e não é possível aspirar, está bem? Quando você volta?

— Dia 18.

— Dia 18 é domingo. Na segunda tenho tudo marcado. Terça, dia 20, tudo bem?

— Tudo.

— Então, terça-feira, 20, às dez da manhã.

— Vou ter que faltar no colégio.

— É, não tem jeito, mamãe.

— ...

— Marco para terça, 20, então?

— Sim.

— Bom, te espero na terça, dia 20, às dez da manhã. Não esqueça que o pagamento precisa ser em dinheiro, nem do documento, por favor.

— ...

— Leve a receita do Valium.

— Está bem.

— Tchau, mamãe.

— Tchau.

— Boa viagem.



Entrei no apartamento de Tua como se fosse meu. A chave mais grossa era da porta de entrada. Não cruzei com ninguém, nem na recepção do edifício, nem no corredor. Antes de entrar, coloquei luvas de borracha que comprei no caminho. Àquela altura da vida já tinha visto muitas séries policiais para andar por aí deixando minhas digitais por todo lado. Toquei a campainha, caso a morta não morasse sozinha. Ninguém atendeu. Enfiei a chave na fechadura e entrei. Era um apartamento de dois ambientes, pequeno, mas bonito e bem-arrumado.

Antes de inspecionar gavetas e armários, dei uma percorrida pelo lugar. Sobravam porta-retratos. Fotos familiares. Todos com sorrisos de propaganda de pasta de dentes. *E pensar que essas pessoas, daqui a pouco, estarão chorando.* Duas fotos se destacavam pelo tamanho e a localização: um retrato de Tua em preto e branco e uma foto colorida na qual abraçava uma garota de vinte e poucos anos, muito alta, de cabelo comprido e negro. Procurei meu marido mostrando sua dentadura, mas ele não estava. Isso me aliviou; se não tinha lugar entre tantos parentes sorrindo, havia

algum motivo. *Não se pode colocar a foto do amante entre a da bisavó e a da prima, como se todos fossem a mesma coisa*, pensei. Mas estava errada, não era só isso.

Comecei a inspeção mais profunda pela sala. Não encontrei nada que pudesse incriminar ou que mencionasse ou pudesse se relacionar com meu marido; nem sequer documentos de trabalho. Depois me ocupei do banheiro e da cozinha. Tampouco encontrei algo. Deixei o quarto para o final. Sabia que, se fosse encontrar algo, esse era o lugar. E assim foi. Abri a porta e me chocou encontrar uma cama de casal. Por um momento, imaginei Ernesto deitado nessa cama, suando, trabalhando e trabalhando para satisfazer Tua. Começou a me invadir um sentimento muito negativo, como uma raiva ou uma vontade de matar alguém. Mas ela já estava morta. Relaxei, respirei fundo e consegui me concentrar outra vez em meu objetivo. Porque eu não estava ali para avivar o fogo, viera apagar o incêndio. E é preciso ver o lado positivo das coisas, nesse caso da cama, porque, afinal, se o que me incomodava era que Ernesto tivesse se deitado nela, estava claro que ali nunca mais se deitaria. Tudo que eu tinha a fazer naquele quarto era apagar as impressões que pudessem incriminá-lo. E uma cama de casal não incrimina ninguém, porque abraços não deixam impressões. *Ou deixam*, pensei. E comecei a revistar os lençóis. Estavam impecáveis, como se ninguém tivesse dormido neles. Nem uma mancha, nem um pelo, nem sequer uma ruga.

Vinte minutos depois, tinha terminado com o guarda-roupa e com cada uma das caixinhas onde Tua guardava todo tipo de porcaria. Tudo muito naïf. Postais, laços com cartas, fotos, caracóis, guardanapos de papel de diferentes padarias, colherzinhas de drinques, boletins da escola. Evidentemente, Tua gostava de juntar muita porcaria. Pensei em jogar tudo fora e fazer um favor a quem tivesse de esvaziar o apartamento, mas não quis fazer isso com o que não era meu.

A verdadeira surpresa aconteceu quando abri a gaveta do único criado-

mudo que havia no quarto. Deparei-me com um revólver e, debaixo dele, dois envelopes. Não foi o revólver que me surpreendeu. É bastante comum que uma mulher sozinha, como era o caso de Tua, tivesse um revólver à mão. Hoje em dia, há muitos loucos soltos por aí. Eu mesma entendo um pouco de armas porque, quando papai foi embora de casa, mamãe comprou um revólver e me ensinou a usá-lo. “Duas mulheres sozinhas não podem ficar seguras sem isso”, me disse. Mas nunca usamos. Acho que, no fundo, mamãe o comprou para dar um tiro em papai, caso o perfume e a maquiagem não dessem resultado. Mas ele não fez o gosto dela, porque nunca voltou. Peguei o revólver e comprovei que estava carregado. Como dizia minha mãe, “já que temos um, que funcione”.

Quando terminei de examinar o revólver, abri o primeiro envelope. As luvas de borracha dificultavam meus movimentos. Encontrei duas passagens para o Rio. Uma em nome de A. Soria, ou seja, Alicia Soria, Tua. E a outra em nome de E. Pereyra, ou seja, Ernesto, meu marido. Isso confirmava que a relação era uma palhaçada. Ernesto sempre odiou praia e calor. Jamais teria planejado ir ao Rio, com ninguém. Nem sequer com Lali e comigo. Cheguei à conclusão de que essa mulher estava perseguindo meu marido. Certamente, ela havia planejado a viagem e comprado as passagens. Talvez a discussão que terminara com Tua batendo a cabeça no tronco tivesse sido por causa dessa viagem. Se a passagem fosse para Bariloche, poderia ser que a coisa tivesse sido planejada por ele. Mas para o Brasil, jamais. Eu conhecia Ernesto, havia mais de vinte anos que o conhecia. A passagem estava marcada para dali a algumas semanas. Mas Deus fez justiça, porque, nessa data, se todos tivéssemos sorte e a polícia não se apressasse, Tua continuaria onde Ernesto a havia deixado.

Guardei as passagens na bolsa e abri o outro envelope. E ali estava o que eu não esperava. Na realidade, o conteúdo escapava da imaginação de qualquer pessoa com um pouco de inteligência. Primeiro, fiquei brava. Reconheço que fiquei muito brava. Mas logo senti pena. Que outra coisa

poderia sentir diante daquelas imagens? Fotos em preto e branco, pequenas, como esses contatos que são feitos das fotos tiradas em festas, para que depois possamos escolher uma. Fotos de Ernesto. Nu. Quem poderia pensar em fazer Ernesto posar nu e tirar fotos! Ernesto é um cara que tem seu charme, mas vestido! Quando está nu há muitas coisas penduradas. Não tem mais vinte anos. Está meio mole por todos os lados. Eu mesma, que sou sua esposa, quando ele sai pelado do banheiro, nem quero olhar. Não me parece atraente. Vestido, sim, vestido é outra coisa. Ernesto sempre foi um cara bonito, elegante. Mas colocá-lo sentado em uma cadeira, pelado, olhando para a câmera e fazendo essa cara de idiota? Não pensou nas pessoas que iriam vê-lo quando mandassem revelar o filme? Imagine colocar essa foto em um porta-retratos.

Enfiei as fotos outra vez no envelope, quase com nojo, e guardei na minha bolsa. Deixei o restante exatamente como estava. Mas, quando cheguei à porta, voltei. Abri a gaveta do criado-mudo e peguei o revólver. Não sei, um impulso. Além disso, um revólver sempre levanta suspeitas. E carregado, muito mais.

Abri um pouco a porta e me certifiquei de que não havia ninguém no corredor. Enquanto descia pelo elevador, fiquei feliz por ter ido. Carregava na bolsa muitas provas contra Ernesto. Provas falsas, porque, realmente, ele e eu sabíamos que tudo tinha sido um acidente. Mas não precisa apenas ser, precisa parecer. E, se alguém tivesse encontrado essas lamentáveis fotos de Ernesto e as passagens, teria sido difícil convencê-lo de sua inocência. Além disso, só de pensar que essas fotos poderiam ter vindo a público, eu me arrepiava toda. Como a imagem de um homem pode ser destruída tão rapidamente! Por sorte, eu estava ali para que isso não acontecesse.

Havia dado uns poucos passos quando um táxi parou na frente do edifício. Do carro, desceu a morena do porta-retratos. A alta, de cabelo comprido. Estava de cara fechada. E parecia com pressa. Deixou o táxi

esperando na porta. Abriu a porta com as próprias chaves e entrou. Se eu tivesse demorado cinco minutos, teríamos nos cruzado no apartamento. Procurei um lugar de onde pudesse olhar sem ser vista. Na frente do edifício havia um bar, e entrei. Sentei-me perto da janela. Aproximou-se um garçom, que parou a meu lado. Pedi um café, não tinha vontade de tomar nada, mas queria que ele fosse embora logo para poder esperar tranquila. Ficou me olhando, ou melhor, ficou olhando minhas mãos. Eu também olhei e encontrei as luvas de borracha. Ainda estava com elas. “Que idiota, saí com pressa e esqueci de tirá-las”, falei. Tirei as luvas e enfiei na bolsa. O garçom deu meia-volta e foi buscar o café.

Logo depois, saiu a morena conversando com um homem que parecia ser o zelador do prédio. Parecia preocupada ao falar com ele. O homem meneava a cabeça, também preocupado. Acompanhou-a até o táxi, abriu a porta. Ela lhe entregou um cartão, subiu no táxi e partiu.

Quando o garçom chegou com o café, eu já juntava minhas coisas para ir embora. O homem ficou incomodado. Era bastante rude, e seu visual não ajudava: o cabelo grisalho era tão comprido que dava para fazer um rabo de cavalo, e tinha um bigode totalmente preto. Um nojo. Para piorar, chutou sem querer a mesa e derrubou metade do açucareiro. Joguei as moedas do café sobre a mesa e fui embora sem tomar.

Era uma linda manhã de sol, por isso fui caminhando por Rivadavia, sem pressa, pensando. Enquanto caminhava, caíam restos de açúcar da minha saia de seda, e isso me distraía um pouco. Eu a sacudi para poder me concentrar. Voltei a minhas elucubrações. Se não estava equivocada, não jogava mais sozinha. E, se a morena estava preocupada com a ausência de sua “sei lá o quê”, alguém começava a dar passos que modificariam os meus. Embora tivesse algumas horas de vantagem, não poderia mais dar passos em falso. A coisa começava a ficar mais difícil, mas também mais divertida.

Parei em um salão de beleza e me depilei. Como dizia minha mãe, “a

gente sempre tem que andar pela rua depilada e com a calcinha limpa”. E nisso lhe dou toda a razão. Nesta vida, é preciso estar sempre preparada, porque ninguém tem tudo garantido.

E a gente nunca sabe o que pode acontecer.



— E o que você vai fazer?

— Não sei.

— Acho que a coisa do documento é complicada...

— Que documento?

— Não disseram que, se for menor, não fazem?

— Pô, também não poderiam vender cerveja ou entradas para a balada...

— Ai, Lali, você não quer comparar...

— O quê? Mil pesos é muito dinheiro. É como quinhentas cervejas.

— Quinhentas?

— Se eu levar a grana eles fazem.

— ...

— Marcaram para o dia 20.

— Ai, que merda...

— É...

— ...

— ...

— Então, não vai contar nada aos seus pais?

— Não, nem fodendo.

— ...

— Meu pai está muito estranho, acho que está desconfiando de alguma coisa.

— É?

— Ontem veio me ver no meu quarto, à noite. Fingi que estava dormindo.

— E?

— Estava chorando.

— Chorando?

— Foi o que pareceu.

— Não acho que ele saiba...

— Talvez tenha ouvido a nossa conversa.

— Mas ele teria falado algo...

— Não sei.

— ...

— ...

— Não, não pode saber. Escuta, Lali, seu pai não ia falar todas as besteiras que diz nas reuniões sobre a viagem se soubesse o que está acontecendo com você.

— É, nisso você tem razão.

— ...

— Mas estou preocupada com o meu pai. Acho que está meio mal e, não sei, sinto que talvez seja culpa minha.

— Não fique pensando, para mim seu pai não sabe de nada.

— ...

— ...

— Comprei a jaqueta.

— Ah, qual?

— A acolchoada, porque a outra era fina demais e eu ia morrer de frio.

— Sim, eu também vou levar uma acolchoada. Você acha que só uma jaqueta dá?

— Vou levar a de couro também, para a noite.

— É, tem razão, não vamos ficar o dia todo com a mesma.

— ...

— E no fim comprou as botas?

— Meu pai me deu a grana, mas vou guardar. Para chegar aos mil.

— Ah...

— ...

— ...

— ...

— Acho que posso emprestar uns cem ou duzentos.

— Tudo bem.

— Vai pedir para o Iván?

— Não.

— Que filho da puta!

— ...

— Quanto falta?

— Quinhentos e pouco.

— E o que vai fazer?

— Vou roubar.

— Está zoando?

— Não, vou roubar da minha mãe.

— Mas ela vai perceber.

— Vai, mas não vai poder falar nada.

— Por quê...

— Porque ela rouba do meu pai.

— ...

— Esconde dinheiro na garagem, atrás de um tijolo.



Voltei para casa. Antes de qualquer coisa, guardei as provas na garagem, no buraco da parede. Com as luvas de borracha. O revólver não entrava, e terminei escondendo-o no porta-malas do carro, debaixo do estepe. Não tinha muito mais a fazer. Organizar um pouco a casa, lavar as xícaras do café da manhã.

Antes de começar, tirei o terninho e fiquei à vontade. Às três da tarde, estava tudo pronto. Pensei: *Agora vamos descansar, eu me sento na poltrona da sala, tomo um cafezinho e relaxo um pouco.* E foi o que fiz. Mas, às três e quinze, estava subindo pelas paredes. Era impossível esperar relaxada que Ernesto chegasse e me contasse tudo. Comecei a fazer faxina. Na verdade, a casa estava limpa, mas eu comecei a fazer essas coisas que não fazemos todos os dias. Tirei o pó dos móveis, dei um brilho nos metais, encerei o chão. Até fiz um pão de ló. Tinha uma receita de torta de alcachofra, mas preferi o pão de ló. Às cinco da tarde, estava esgotada. E nervosa. Ernesto nunca chegava antes das nove; se continuasse naquele ritmo mais quatro horas, acabaria na cama. E, se havia alguém que precisava estar em bom

estado, acordada e alerta, era eu.

Agarrei o touro pelos chifres e fui até o escritório de Ernesto. Quando estava para entrar no prédio, vi a morena com que havia cruzado aquela manhã no apartamento de Tua sair. Fiquei tentada a segui-la. Mas não fui. Anunciei-me para a recepcionista. Estava anotando algo e não tinha me visto. Antes de passar, fiz algumas averiguações com ela. “Essa garota morena, alta, que acaba de sair, parece que a conheço de algum lugar, trabalha na empresa?” “Não, é a Charo, sobrinha de Alicia Soria.” “Ah, finalmente a Alicia chegou...” “Não, é estranho, não veio nem ligou.” “E a sobrinha está preocupada?” “Acho que sim, nem me cumprimentou, foi direto até o elevador e subiu.” “Bom, a tia dela já é uma senhora, deve saber se cuidar”, eu disse e também entrei no elevador.

Desci no andar de Ernesto. A porta de seu escritório estava aberta, e do corredor eu conseguia vê-lo. A vista perdida, a mesa sem papéis, o gesto preocupado. Sua única ocupação era destruir um clipe, desmontando o percurso de caracol elíptico, e rompê-lo em pedacinhos. Entrei decidida. “Oi, Ernesto, disseram que eu estive aqui esta manhã? Tinha me esquecido de avisar que ia chegar ao meio-dia e, como tive que vir até o centro resolver umas coisas...”, disse e me sentei na frente dele. Não sei se escutou que eu tinha vindo naquela manhã, se já sabia ou o quê, mas na verdade não se importou, porque não fez nenhum comentário. Por outro lado, para minha surpresa, disse: “Que coincidência, estava pensando em você”. Olhei para o clipe destroçado sobre a mesa. “E no que pensava?” “Na conversa que temos pendente.” “Vim para isso. Tinha a tarde livre e me pareceu besteira deixar para a noite. Você parecia um pouco preocupado.” “Estou preocupado, Inés”, disse e segurou minhas mãos por sobre a mesa. Acho que Ernesto não segurava minhas mãos assim havia uns quinze ou dezesseis anos. Minha mãe teria dito: “Com os homens, é mais perigoso um ramo de flores que um tapa”. Mas para mim fazia tão bem que segurasse minhas mãos. Olhou-me bem nos olhos e disse: “O que tenho a

dizer é muito duro. Sei que você pode ficar mal”. Fiz cara de assustada, pareceu o correto. “Mas você é minha mulher e tenho que contar. Faz vinte e dois anos que estamos juntos...” *Só vinte, Ernestinho, embora pareça mentira*, pensei, mas não o corriji, não me pareceu oportuno. “Você e a Lali são a coisa mais importante que tenho no mundo”, disse com lágrimas nos olhos. Apertei fortemente a mão dele e disse: “Eu sei, Ernesto”. “Se eu pudesse deixar você à margem disso, juro que deixaria.” “Ernesto, confie em mim, por favor.” “Não se trata de confiança, trata-se de ferir, e não quero te ferir.” *Ai, minha vida, pode me ferir um pouco e vamos terminar com isso de uma vez por todas!*, pensei, e disse: “Ernesto, pareço uma mulher frágil, mas no fundo sou muito forte. Além do mais, estou com você, Ernesto”. “Obrigado, meu amor.” Ele disse “meu amor”! Ernesto nunca havia dito “meu amor”, nem sequer quando quis me convencer de dormir com ele pela primeira vez. A coisa mais linda que me dissera na vida foi “eu também”, depois de um “te amo” meu. “Poxa, Ernesto, você me diz ‘eu também?’”, eu falava, resignada, nos primeiros anos juntos. Depois me acostumei com seu silêncio. Ernesto era seco por natureza. Por isso dava tantas voltas para me contar sobre Tua. “Não gostaria que o que vou te contar ofusque tantos anos de felicidade.” *Não se preocupe; ofuscou, mas eu já passei um pano*, pensei e não disse nada. “Eu... Você se lembra da Alicia, minha secretária, não?” “Sim, claro.” “Não fique mal, Inés, mas Alicia e eu...” “Alicia e você o quê?” “Estávamos envolvidos em uma situação... complicada...” “Ernesto, não dê tantas voltas, diga o que tem a dizer, estou preparada.” Ernesto respirou, olhou nos meus olhos e disse: “Alicia me assediava sexualmente”. Quase rio. “Não posso acreditar!”, eu disse. “Sim, é muito triste, eu nunca quis te contar, mas vivi momentos muito ruins.” “Imagino...” “Não desejo isso a ninguém.” “Não, nem eu.” Primeiro fiquei indignada com a mentira, mas em seguida achei que talvez fosse verdade. Porque, na realidade, todas as cartas que encontrei eram dirigidas a Ernesto, e eu não sabia como ele havia respondido a essas cartas.

Eu mesma tinha concluído que aquilo das passagens para o Rio poderia ter sido coisa dela. Estava para me convencer disso quando me lembrei das fotos, as que estavam ao lado do revólver. As fotos dele pelado. Custava acreditar que Tua o tivesse forçado a tirá-las. Se até sorria para a câmera, como se estivesse dizendo “x”. Quando começamos a nos enredar em nossas próprias elucubrações, perdemos o rumo, e eu estava perdida. Porque era claro que Ernesto estava mentindo para mim. Mas o importante não era isso, era o motivo que ele tinha para mentir. Ernesto mentia porque me amava, simples e fundamental assim. Para que me contar sobre uma aventura extraconjugal que já era passado? *Ernesto é um homem maravilhoso*, pensei. Não é como esses que apagam o fogo fora e depois vêm curar a culpa em casa. “Querida, não posso mentir, tenho que confessar que dormi com a sua melhor amiga”, dizem. “Quero que minta, filho da puta, é o mínimo que mereço!”, seria a resposta a dar a esses crápulas. Claro que Ernesto não era um crápula. Ernesto era uma flor de homem; mentia para mim, ficava com toda a culpa só para ele, bancava tudo, como deve ser. “Jamais teria te contado isso se não tivesse acontecido algo terrível.” “Ernesto, não me assuste...” Gostei da frase, achei que era adequada para a ocasião. “Lembra que ontem recebi uma ligação e precisei sair, não?” “Lembro.” “Era ela, dizia que, se não estivesse em meia hora perto do lago de Palermo, ia fazer uma loucura. Entenda, eu não podia deixar que essa mulher se matasse.” “Como não vou entender, Ernesto?” “Fui para lá. Menti para você, desculpa, não tinha uma reunião. Tinha que detê-la.” Assenti com a cabeça. “Nos encontramos, e ela achou que eu estava ali para outra coisa, para ceder a seu assédio... Pode acreditar nisso, Inés?” “Como estava louca essa mulher, Ernesto!” “Como está louca essa mulher!”, corriji logo. “Aí ela se atirou em cima de mim, queria me beijar, não sei, sinto muito vergonha em te contar isso.” “Ernesto, sou sua mulher, fique tranquilo.” Ele beijou minhas mãos. “E foi então que aconteceu o acidente. Eu quis afastá-la de mim, não queria que me tocasse, que me

beijasse. Ela não parava, e decidi ir embora. Mas ela me agarrou pelos ombros e, para tirá-la de cima de mim, eu a empurrei. E aí...” A ansiedade me venceu, bati com o dorso da mão contra a mesa e disse: “Bum!” Ernesto continuou normalmente: “Caiu, e deu tanto azar que bateu a cabeça num tronco de árvore e morreu”. “Que horror!”, eu disse, tapando a boca. “Uma fatalidade”, disse Ernesto. “Um lamentável acidente sem culpados”, falei. “Exatamente”, disse Ernesto. Acaricieei o rosto dele, nos olhamos, sorrimos. Ele voltou a beijar minha mão. “Se te envolvo em tudo isso é porque não gostaria de ter que dar explicações fora de nossa intimidade. Seria prejudicar Alicia. Você, como mulher, deve entender.” “E como, Ernesto, claro que entendo.” “Por isso, pensei que seria melhor não fazer a denúncia e deixar que a coisa corresse com naturalidade, que se passassem os dias, e, quando alguém comesse a perguntar onde está Alicia, ninguém poderia tirar conclusões equivocadas.” “Estou totalmente de acordo com você, Ernesto.” “Isto é muito difícil para mim, você pode imaginar, fingir que não sei nada de Alicia, quando a pobre...” Ele se emocionou. “Falando da pobre, Ernesto, onde está agora?” Ernesto suspirou. “Eu a mergulhei no lago.” E apertou minha mão. Eu a beijei. “Que triste passar por isso, Ernesto, ter que arrastá-la...” “Não, não a arrastei. Peguei um desses barcos de aluguel, coloquei-a dentro, remei até o meio do lago e, bom...” Ernesto quase chorava; levantei-me e o abracei. “Preciso te pedir uma coisa.” “Qualquer coisa, Ernesto.” “Eu preferia dizer que essa noite estivemos juntos, em casa, que não saí em nenhum momento. Preciso desse álibi, não tenho outro. Se disser que saí e voltei logo depois, tudo vai ficar confuso, vão me enlouquecer de perguntas. Não sei o que você acha...” “Claro que acho bom, para que ficar dando explicações?” “Se realmente foi um acidente.” “Ernesto, essa noite, depois de jantar, nós dois ficamos em casa, assistimos a um filme, já vou ver qual, fizemos amor e depois dormimos.” “Obrigado, Inés.” “Te amo, Ernesto.” “Eu também.”

Ernesto me beijou na boca, como havia anos não beijava.

Saí de seu escritório muito mais tranquila. Tinha me dado conta de que Ernesto poderia resolver a situação melhor do que eu imaginara.

Caminhei de volta para casa com a certeza de que, essa noite, faríamos amor como animais.



Fotocópias encontradas na casa da família Pereyra; até o momento, não foi possível corroborar a fonte. As mencionadas fotocópias foram encontradas no porta-malas do carro habitualmente usado pela senhora Inés Pereyra, debaixo do estepe. As marcações na margem e ao pé da página foram incorporadas ao texto transcrito a seguir, entre parênteses, por ser consideradas relevantes. Os xis indicam textos em que aparecem marcas que não podem ser transcritas, mas que, evidentemente, significam um chamado de atenção sobre o parágrafo ou a frase em questão.

Há diversas formas de morrer. (*Ou de matar!*)

Ao contrário de outras épocas, não é mais tão simples conseguir venenos eficientes e, por outro lado, essas substâncias são muito fáceis de detectar, com as atuais práticas forenses.

As armas de fogo, apesar de cada dia mais acessíveis ao público, apresentam uma importante complicação: é relativamente fácil, quando se quer, relacionar a arma ao assassinato e a quem o cometeu. Por isso, as armas de fogo são principalmente utilizadas em agressões planejadas com certa premeditação. (xxxxxx)

Quando se trata de agressões não planejadas, por outro lado, aparecem armas menos refinadas, de uma simples faca de cozinha a uma tesoura ou navalha.

Ou qualquer objeto suficientemente pesado para provocar uma ferida grave; por exemplo,

um martelo, uma mesinha, um adorno. (xxxx Um tronco de árvore. xxx)

A medicina forense qualifica de traumatismo toda violência exercida sobre um organismo humano. Quando o traumatismo é produzido pelo choque de um corpo de superfície regular ou irregular, contra um corpo humano ou animal, chamamos ao mesmo de contusão.

Uma das possíveis formas médico-legais das contusões são as feridas contusas, entre elas a queda e suas variedades. Os técnicos forenses só qualificam o fato como queda se o sujeito se encontrava de pé ou deitado. (*De pé e empurrando.*)

Quando o sujeito cai de uma altura de até cinquenta metros, denomina-se defenestração, e, de mais de cinquenta metros, precipitação. A queda, e este é o ponto mais importante, é quase sempre acidental. (xxxxxxxxxx) Ou pelo menos assim é classificada pela medicina forense. Por outro lado, a defenestração e a precipitação podem ser acidentais, homicidas ou suicidas. (*Certo, isso foi queda.*)



Os dias seguintes foram um inferno. Não aconteceu nada. Como podemos sentir gosto em lavar os pratos, varrer ou passar roupa, quando temos entre as mãos algo tão importante quanto o encobrimento de um assassinato? Como se concentrar no ponto do caramelo, em tirar a comida do freezer ou limpar a privada? Como suportar a eterna cara de bunda de uma filha adolescente?

Somente na sexta a coisa começou a andar. Ao meio-dia, eu estava vendo as notícias na tevê enquanto comia algo. Sempre vejo o jornal enquanto como, mas sem volume. É cada notícia que tira o apetite! Aumento o som só quando aparece a comentarista de espetáculos ou a moça do tempo. Mas, nesse dia, me deparei com uma cara conhecida e aumentei o volume antes do previsto. Era Charo, a sobrinha de Tua, saindo de uma delegacia com um casal mais velho, que eram os pais da falecida. O “falecida” é um comentário pessoal, o jornalista falava da “desaparecida filha do doutor Soria”. A notícia teve maior relevância que a esperada, justamente porque o pai de Tua era um médico aposentado, mas

muito conhecido, por isso o assunto ganhava um encanto adicional para o jornalismo. Os pais pareciam abatidos, e a morena os ajudava a chegar ao carro entre microfones e flashes. A única que respondia a algumas das perguntas era ela. Fiquei olhando. Definitivamente, não era linda. Chamativa, talvez, porque era muito alta, muito ereta. Linda, não. Algo nela me incomodava muito. Eu olhava e não conseguia entender. Até que a focaram bem de frente, antes de entrar no carro. Tinha um senhor par de peitos! Aquele tipo de peito que me dá até raiva! Redondos, durinhos, orgulhosos. Peitos jovens. Embora eu, nem quando jovem, tenha tido peitos assim. Minha mãe tampouco, por isso ela odiava essa crença popular que diz que peitos perfeitos devem caber bem em uma taça de champanhe. Aquelas taças redondas, não as compridinhas, claro. Ou essas são de sidra? Eu, quando era jovem, tinha essa fantasia. Ficava medindo. De longe. Nunca me atrevi a fazer a prova concreta. Tinha medo de que se criasse um vácuo e meus peitos ficassem presos para sempre na taça. Essas besteiras que a gente pensa quando ainda é inocente. Hoje em dia, não tenho esse tipo de medo. Mas estou ciente de minhas limitações; meus peitos não passariam mais por esse teste. Os de Charo, sim.

Esqueci os peitos. Mudei de canal, procurei em todos os jornais e canais de notícia, mas todos repetiam a mesma informação sucinta sobre a “estranha desapareição da filha do doutor Soria”. Senti pena de Tua. Não porque estivesse morta. Essa é a lei da vida, uns nascem, outros morrem. Ninguém sabe quando vai chegar sua vez, mas realmente ela chega. Senti pena pela forma como se referiam a ela. Alicia continua sendo “a filha do doutor Soria”. Claro, Alicia só podia ser Tua na clandestinidade. Eu, sim, tinha direitos. Afastei de mim o apelido de “a filha da Blanca” quando passei a ser “a mulher do Ernesto”. E adoro que me chamem assim, sinto que me concede meu lugar no mundo. Meu território. Além do mais, é bom que os demais saibam que a gente não está sozinha, que há um homem que te banca, que, se o pneu de seu carro furar, você tem alguém

para trocá-lo. A sociedade é muito machista, é preciso aceitar. Por isso, minha mãe queria ser chamada de “a viúva do Lamas”. Embora meu pai estivesse vivo em algum lugar.

Eu precisava avisar a Ernesto que o assunto da desapareição de Tua havia se tornado público. Mas não me pareceu adequado falar por telefone. Neste país, é muito fácil escutar as conversas dos outros. Eu mesma fiquei sabendo do trágico encontro de Ernesto com Tua tirando o telefone do gancho. Isso sem falar de telefones grampeados, escutas, ligações rastreadas. Eu, por telefone, só falo besteiras. E, a respeito de Tua, era preciso ser muito cuidadosa. Além do mais, não custava nada ir até o escritório de Ernesto e contar pessoalmente.

Quando cheguei ao escritório, a recepcionista estava ocupada recebendo uma correspondência, por isso fui até o elevador sem me anunciar. Desci no andar de Ernesto. Obviamente, sua secretária não estava, por isso fui direto a seu escritório e entrei. Ernesto não estava sozinho, havia uma mulher na frente dele, do outro lado da mesa. “Desculpe, não quis interromper.” A mulher se virou. Era Charo. Chorava. Ernesto nos apresentou. A morena se levantou, secou as lágrimas e me estendeu a mão. Odiei seus peitos mais uma vez. Pessoalmente, eram muito mais impactantes que pela televisão. Uma camiseta branca, os bicos marcados. “Lamento muito o que aconteceu com a sua tia”, eu disse. “Espero que não tenhamos que lamentar nada”, ela me respondeu. Uma ordinária. No fim, eu não estava fazendo nada além de ser solidária com a dor de sua família. Tem gente que é assim.

Ernesto a acompanhou até o elevador. Eu fiquei esperando.



- Pare de chorar que não consigo entender nada.
- Está tudo errado, entende?
- Pior?
- ...
- Me conta, anda.
- Meu pai...
- Você contou!
- Não!
- Bom, doida, não grita comigo que não fiz nada.
- ...
- Vai, anda...
- ...
- Vai, não chora.
- ...
- Pare um pouco, assim você não consegue me contar.
- Meu pai está saindo com uma mulher!

— Não acredito!

— É verdade!

— Com aquela cara de santo.

— É um filho da puta!

— Tem certeza?

— Tenho, li as cartas da mulher.

— Onde encontrou?

— Na garagem, no esconderijo da minha mãe.

— Então sua mãe sabe.

— E se faz de tonta. Minha mãe é um horror.

— Que loucura!

— Tenho nojo.

— E você que se preocupava em contar ao seu pai o seu problema.

— Sou uma idiota.

— Agora aproveita e conta logo de uma vez.

— Para quê?

— Para que ele te ajude pelo menos com a grana.

— Ele que enfie a grana no cu!

— ...

— ...

— E na sua casa, está tudo normal?

— São dois caras de pau. Até dormem juntos e tudo.

— Cara... e trepam?

— Eu sei lá!

— Não, porque é preciso ter coragem para transar com um cara quando se sabe que ele transa com outra...

— ...

— Desculpa, sei que é seu pai, mas, bom, é assim ou não?

— Vindo da minha mãe, nada me espanta. Mas meu pai... nunca pensei.

— São todos iguais, dizem o que você deve fazer e depois fazem o que querem.

— Eu também vou fazer o que quero.

— Isso, faça o que tem que fazer e não fique pensando.

— ...

— Juntou a grana?

— Ainda não sei o que vou fazer.

— Lembra que eu te empresto o que falei.

— Ainda não sei o que vou fazer.

— Mas está chegando a data.

— É, eu sei.



Ernesto acompanhou Charo até a saída. Enquanto esperavam o elevador, verificou que ninguém estava olhando e a beijou. Foi uma estupidez; se Inés tivesse visto, tudo teria se complicado. Mas a beijou. Charo o afastou. Ficou brava. Não era o momento. Estava alterada. Tudo havia dado errado. Apertou várias vezes o botão do elevador. As portas se abriram. Entrou. Ficou olhando Ernesto enquanto as portas se fechavam. Não disse nada, só olhava para ele.

Ernesto voltou para o escritório. Estava irritado por saber que Inés estava esperando, mas não tinha alternativa. Tinha de mantê-la a seu lado. No dia da morte de Alicia, perto do lago, achou que a tinha visto entrando em seu carro e fugindo. Pensou que era um delírio próprio da situação-limite que estava vivendo. Mas quando, no dia seguinte, viu como ela estava agindo, percebeu que não tinha tido visões. Inés estivera lá e tinha visto tudo. Ela era muito óbvia.

E Ernesto precisava se assegurar de que ela não falaria, em nenhuma circunstância. Por isso tinha de fazer com que se sentisse parte do que

estava acontecendo, uma parte fundamental. Só com isso Inés funcionaria, e bem. Ernesto sabia. Deixá-la de lado era perigoso. Como a engrenagem de uma máquina que, solta, não serve para nada. Pior ainda, até poderia fazer saltar outras peças que estavam funcionando adequadamente.

Ernesto não estava errado. Quando entrou no escritório e se sentou, confirmou que sua mulher entendia o que estava acontecendo. Sem preâmbulos, Inés recitou qual seria o álibi. Tinha preparado um. Haviam assistido juntos a um filme, *Psicose*, que passara na noite da morte de Alicia no canal 23, às dez da noite. Depois de fazer amor intensamente, tinham apagado a luz e dormido. Sem furos, os dois na mesma história. Aquilo de fazer amor intensamente não era necessário, mas era a parte que Inés mais gostava, e Ernesto não se atreveu a objetar.

Ele a ouvia falar e pensava em Charo. Como a desejava. Charo. Queria estar com ela. Não podia acreditar em como sua vida havia mudado de um dia para o outro. Na semana anterior, planejava viajar para o Brasil. Com Charo. Ela tinha pedido. Ele falara com a agência e comprara as passagens. E esse foi o começo do fim, as passagens. Ernesto pediu à agência que as enviasse pessoalmente a ele. Mas mandaram para Alicia. Sua secretária. A que se ocupava dos assuntos com a agência toda vez que ele viajava. Menos dessa vez. Porque, dessa vez, viajaria com Charo e Alicia não podia saber. Alicia viu as passagens e se iludiu, achou que “A. Soria” era ela, Alicia, e não Amparo, sua sobrinha. Charo. Ou Tua, como assinava suas cartas. Tua, de Ernesto. O que Alicia fora durante os últimos sete anos. Até que apareceu a sobrinha. A própria Alicia os apresentou um dia, em seu apartamento, e desde então estavam juntos. Alicia nunca percebeu nada. Sentiu Ernesto mais distante, mas pensou que não era nada importante. Até que apareceram as passagens. Foi preciso contar. Foi Charo quem contou. Alicia deu um tapa nela e a expulsou de seu apartamento.

Inés continuava falando, e Ernesto não a escutava. Queria que fosse

embora. Ela fez perguntas sobre Charo, em que trabalhava. *Que importa?*, ele se perguntou. Disse a verdade, que era fotógrafa e trabalhava para uma revista. Pensou em Charo. Imaginava-se indo buscá-la. Em alguma discoteca. Charo sempre estava em alguma discoteca tirando fotos. Percorria casas noturnas procurando gente conhecida para fotografar. Imaginava-a em um balcão de bar. A tira da camiseta caída; dava para ver a alça do sutiã. Branco. Não, preto, melhor. Estava bebendo algo. Quase conseguia tocá-la; mas Inés se levantou para ir embora. Ernesto a acompanhou até o elevador, mas não esperou que entrasse. Voltou para o escritório e ligou para Charo. Ela não atendeu. Ligou de novo. O celular estava desligado. Saiu para procurá-la. Passou por alguns lugares e a encontrou em uma discoteca nova, debaixo dos arcos do trem. Quando o viu, ela ficou incomodada. Ernesto sabia que havia esse risco. Charo não queria que fossem vistos em público, era perigoso. Ele não se importava. Queria tocá-la. Ernesto sustentou seu olhar. Ela conversava com um cara no balcão. Ernesto começou a caminhar até onde ela estava. Charo se despediu do cara do balcão, pegou a câmera e fez um gesto para que Ernesto a seguisse. Abriu caminho entre as pessoas. Havia muito barulho. E fumaça. Ernesto achou que a havia perdido. Viu que saía por uma porta lateral. Fez o mesmo. Encontrou-se em um depósito, onde guardavam bebidas e algumas provisões. Não conseguia vê-la. Caminhou alguns passos. Charo o surpreendeu saindo detrás de uma geladeira e parando na frente dele. “Você é idiota?”, disse. E ali mesmo Ernesto a empurrou contra a parede, beijando-a e tocando-a, desenfreado. As mãos não paravam. Charo se queixava. Dizia que estava louco. Ernesto não conseguia parar. Charo se queixava, mas ele continuou. Até que ela não se queixou mais.

Ernesto chegou em casa às duas da manhã. Inés tinha deixado a comida sobre a mesa. A comida, um candelabro e um bilhete: “Me acorde quando chegar”. Tinha desenhado um coração. Ernesto sentiu que sua mulher

queria fazer amor e se espantou. Não queria transar com ela. Não depois de ter estado com Charo.

Ernesto sabia de cor o que aconteceria. Eram muitos anos juntos. “Erni, está dormindo?” “Não.” “Quer vir?” “Está bem.” Ernesto subiria sobre ela, começaria, terminaria e dormiria. E, enquanto ele trabalhava, Inés e seus suspiros. Um suspiro sempre igual, simples, falso.

Ernesto apagou a luz da cozinha e subiu. Deu uma passada pelo quarto de Lali. Entrou e ficou um tempo olhando para ela. Doía saber que, em poucos dias, ela partiria em sua viagem de formatura. Sabia que não podia evitar, mas doía. Doía que ela não soubesse tudo que havia acontecido. Ernesto gostaria que ela fosse criança de novo, que pedisse colo, que dormisse enquanto ele cantava uma música. Mas sua filha já tinha dezessete anos. E tinham acontecido muitas coisas para que ele tivesse a ilusão de que tudo poderia ser como antes.

Entrou em seu quarto tentando não fazer ruído. Sobre o travesseiro havia outro bilhete, outro “me acorde”, um bombom de chocolate e um vídeo. *Psicose*. Ernesto se enfiou na cama com suavidade exagerada. Escolheu cada lugar onde se apoiar, até conseguir a posição que procurava sem afundar muito o colchão. Virou-se para a parede. Esperou. Depois se cobriu e fechou os olhos. Achava que tinha conseguido. Mas estava equivocado.

“Erni, está dormindo?”, ela falou.



Síntese elaborada sobre a base de frases e parágrafos destacados com cor verde-flúor de um trabalho fotocopiado de uma revista mexicana de medicina legal. O trabalho mencionado intitula-se “O problema da rigidez cadavérica na elaboração de necrorresenhas e outros informes”. Nesse caso, não houve marcas que pudessem ser transcritas, mas parágrafos destacados, indicados entre parênteses.

A temperatura corporal cai durante as doze horas posteriores à morte, à razão de um grau por hora.

Nas doze horas seguintes, a queda é menor, quase metade. Claro que, se o corpo esteve submerso na água, o esfriamento do cadáver é muito mais veloz. (*Parágrafo destacado.*)

Os dados relacionados com o esfriamento do corpo, assim como o *rigor mortis* ou o *livor mortis*, são indicadores da data e da hora em que se produziu o óbito.

O *rigor mortis*, ou seja, a rigidez típica de quem está morto, é produzido por um processo químico. A química interna do corpo muda de um estado ácido a um alcalino e os músculos ficam tensos. O processo de tensão se inicia nas pálpebras, desce pelo rosto, um pouco depois chega ao tronco e, finalmente, às pernas.

Depois que se completa o ciclo de *rigor mortis*, o corpo sem vida apresenta a rigidez de um tronco. (*Destacada a palavra “tronco”.*) Mas o cadáver não fica assim eternamente. Doze horas depois de completado o processo que leva ao *rigor mortis*, começa outro processo ácido, e o

cadáver começa a ficar relaxado. E faz isso no mesmo sentido que o anterior. Primeiro as pálpebras se relaxam, depois o rosto, o tronco e, por último, as pernas.

O *livor mortis* é um processo anterior, muito útil para determinar a hora da morte. No momento em que o coração para, portanto a circulação sanguínea, a força da gravidade faz com que os glóbulos vermelhos desçam até as partes do corpo que estão apoiadas no chão. É por isso que, quase duas horas depois de produzida a morte, a cor se fixa nessas zonas por rompimento dos glóbulos vermelhos, que invadem os tecidos próximos. Quando a morte foi por envenenamento, a cor é muito intensa. Quando se usa cianureto, a cor, por outro lado, costuma ser rosada. E, nas mortes por monóxido de carbono, as partes inferiores do corpo apresentam uma cor vermelha intensa.

Claro que tudo muda quando o cadáver demora a aparecer, e então seu estado dependerá do lugar onde esteve todo esse tempo. (*Parágrafo destacado.*)

Se esteve em um lugar quente e seco, os tecidos não se decompõem, mas secam. É o caso de corpos colocados debaixo de pisos de parquê ou dentro de guarda-roupas. Se nesses lugares o ar corre adequadamente, completa-se o processo de secagem com muita rapidez. É como se o corpo fosse torrado, o denominado efeito “uva-passa”, mas os traços da pessoa podem ser vistos com bastante nitidez mesmo depois de anos.

Se o corpo ficar ao ar livre, ou mesmo enterrado a pouca profundidade, o processo de decomposição é favorecido. As bactérias abundam nesses ambientes quentes e úmidos. Por outro lado, em tumbas profundas, a falta de circulação do ar faz com que as bactérias não se desenvolvam e o processo de decomposição seja muito mais lento.

Pessoas jovens ou com excesso de peso se decompõem com maior rapidez, devido à maior presença de gordura no corpo.

Mas o que acontece quando um cadáver se encontra submerso na água? (*Parágrafo destacado.*)

Ao se encontrar um corpo na água, não importa em quais circunstâncias, a primeira investigação dos técnicos forenses visa determinar se a vítima morreu afogada, por hipotermia ao ter permanecido na água fria ou se já estava morta antes de cair ou ser jogada na água. Caso tenha morrido afogada, os pulmões estarão cheios de água; nos outros casos, não.

Mas o processo de decomposição, em todos os casos mencionados no parágrafo anterior, é semelhante e se distingue muito daquele dos cadáveres que ficam ao ar livre ou enterrados. Há vários detalhes a considerar. Para começar, o esfriamento é muito mais violento e o cadáver esfria em poucas horas. A lividez *post mortem* não apresenta as características habituais: a pele do cadáver apresenta um branco anormal e a chamada “pele de galinha”, já que os folículos dos pelos ficam eriçados. Por sua vez, o *rigor mortis* demora mais para aparecer, assim como para desaparecer. Um cadáver pode ficar até noventa e seis horas submerso sem que desapareçam todos os indícios do *rigor mortis*.

Depois de seis ou sete dias de morte sob a água, é produzido outro processo químico que faz com que o abdome do cadáver se encha de gases. E um abdome cheio de gases faz com que o corpo tenda a flutuar e, portanto, ascenda à superfície. (*Parágrafo destacado.*)

Exceto se algas ou algum outro elemento estranho o prenderem para sempre nas profundezas das águas onde jaz. (*Parágrafo destacado.*)



- Vou sentir saudades, filhinha.
- Tá bom, pai. Preciso subir que o ônibus já vai partir.
- Se cuida, Lali. Coloque o casaco e coma bem.
- ...
- Mamãe vai rezar por você, para que tudo corra bem.
- E desde quando você reza?
- ...
- Qualquer problema, pode nos ligar. Em casa ou no escritório, onde quiser.
- Certo, tchau.
- Espera... Não vai me dar um beijo, filha?
- ...
- Tchau, mamãe te ama, está bem?
- Se cuida, por favor, filhinha. E muito juízo.
- O que você quer dizer com “muito juízo”, pai?
- Que se comporte...

— Não perguntei para você.

— Nada, filha. Que não faça loucuras, que não corra riscos, não sei, não sei o que quis dizer.

— Então, da próxima vez, não diga nada.

— ...

— ...

— Outro beijinho no papai, pode ser?

— ...

— Tchau, Lali.

— Tchau, meu amor.

— ...

— ...

— ...

— Como é amarga, meu Deus!

— Ela está nervosa, Inés, é isso.

— Ela *é* amarga. Não sei como pode ter saído assim.

— Acene, por favor, e mude essa cara que ela está olhando pela janela.

— Tchau, querida, divirta-se.

— Tchau, filhinha, se cuida.

**CINCO MESES
DEPOIS**





Tudo ia bastante bem. O corpo de Tua ainda não havia aparecido, o que mudava tudo. Sem cadáver, não havia morto. Nem assassinato, nem assassino. Nem sequer acidente. Só dúvidas e absurdas conjeturas ao redor do desaparecimento de Alicia, que Ernesto e eu repetíamos na frente de terceiros como se fôssemos virgens em todo esse assunto. Atuávamos quase as vinte e quatro horas do dia. Não podíamos cometer um equívoco na frente dos outros. Eu tinha assumido tanto meu papel que até sozinha repassava tudo. Um dia, enquanto tomava banho, me peguei pensando, preocupada: *Vai saber o que terá acontecido com a pobre Alicia*. E aí me dei conta de que estava fazendo as coisas direito. Porque, se havia alguém que sabia o que tinha acontecido com Tua, esse alguém era eu. É que foram muitos meses fingindo, atuando na frente dos outros, respondendo a perguntas. Isso fica na cabeça. Você entra na pele do personagem e acaba acreditando. Como quando eu aprendia inglês e Mrs. Curtis me dizia, “think in English”, ou seja, “não pense em espanhol e traduza, pense em inglês”. Quando alguém me perguntava sobre o desaparecimento de Alicia,

não pensava sobre o que tinha de responder. Eu simplesmente era a mulher de Ernesto, cuja secretária tinha desaparecido e da qual não tínhamos notícias.

A polícia não tinha nada de concreto. Quase meio ano depois do acidente, e eles sem suspeitos, sem uma pista, sem um indício. Nada. Há muito tempo tinham deixado de fazer perguntas a Ernesto. Os únicos que pareciam não esquecer o assunto eram os pais de Alicia, que, de quando em quando, apareciam em algum programa de televisão, com o evidente objetivo de fazer com que a filha não caísse no esquecimento.

A coisa poderia ter continuado assim eternamente, mas um dia Ernesto veio e me disse: “Inés, parece que temos que voltar a viver como se o acidente nunca tivesse acontecido”. Eu não sabia do que ele estava falando, mas concordei. Senti que era um recomeço. Outra vez uma família normal, com seus problemas, como todas, mas normal. A ideia me encantou. Meus olhos até se encheram de lágrimas. Com o tempo, entendi que essa frase marcou um giro de cento e oitenta graus em nossa história. Se tivesse contado a minha mãe, com certeza ela teria percebido. Agarrado no ar. Mamãe sempre foi muito intuitiva para essas coisas. Um pouco pessimista para meu gosto, mas intuitiva. Eu era muito nova, sempre ingênua, sempre confiando nos outros. Não tinha passado pelas desgraças que minha mãe havia sofrido. A dor vai curtindo a pele, dando experiência, ensinando. Agora é outra coisa. Mas naquele momento, quando Ernesto veio e me disse que queria que tudo voltasse a ser como antes, fiquei muito feliz. Sempre fui de olhar para frente. Não se pode passar a vida toda batendo no peito e recitando “Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa”. Tudo bem, tinha acontecido algo muito pesado com a gente, algo que não desejo a ninguém. Mas o que mais poderíamos fazer? Em todas as religiões existe o perdão para quem se arrepende de seus pecados. Nós estávamos arrependidos. De verdade. E, se Deus perdoa, o que mais pode fazer o homem?

Uma semana depois, Ernesto teve de viajar a trabalho para o Brasil. “Quantos dias vai ficar fora, Erni?” “O congresso é quinta e sexta, mas na segunda organizaram duas reuniões, então fico por lá o fim de semana.” “Justo no Brasil, você que não gosta do calor!” “É trabalho, Inés.”

No dia anterior à viagem, preparei a mala dele. Uma mala pequena e uma de mão. Sempre que viajava, eu preparava a mala. Dois ternos, cinco camisas, duas calças esporte, duas sungas, para o caso de ter algum tempo livre, três camisetas, três camisas, duas gravatas, melhor três, porque depois fala que não combinam, dois pares de sapatos, um para o terno e o outro esporte, um par de tênis, dois cintos, quatro pares de meias. Na mala, enfiei coisas que Ernesto precisa ter sempre à mão: vitaminas energizantes, aparelho de barbear, creme de barbear, escova de dentes, pasta, fio dental, Ernesto não vive sem fio dental, desodorante, uma foto dos três. A foto foi ideia minha. Não queria esquecer de nada, porque depois seria preciso aguentá-lo.

Naquela noite, fiz um jantar especial para esperá-lo. Lombo apimentado com batatas ao creme. É o prato preferido de Ernesto. Coloquei os candelabros, vinho bom, acendi uma essência floral que, segundo me disseram, desperta os baixos instintos. Eu queria uma boa despedida, com todos os adereços. Estreei lingerie nova e até tinha comprado um baby doll. Há quantos anos não usava um baby doll! Queria que Lali fosse dormir cedo. Se não, Ernesto prestaria mais atenção nela que em qualquer outra coisa. Não foi fácil. Acho que ficava ali somente porque tinha percebido que eu queria que fosse para o quarto. Nem sequer falava. Olhava-me como se eu tivesse feito algo para ela. As adolescentes sentem prazer em torturar os pais. Parece que estão sempre cobrando algo que fizemos a elas. O que fizemos nós? São todas iguais, injustas, ressentidas e teimosas. Basta dizermos que precisam fazer algo para que façam exatamente o contrário. E não era a noite mais oportuna para se ter ao lado, acordada, uma adolescente querendo conflito. Então

comecei uma discussão, inventei um desses temas que nunca falham. Há vários. Poderia ter falado da bagunça de seu quarto ou criticado alguma amiga dela, o que é muito fácil. Mas preferi a certeza e toquei num tema que consegue alterá-la: comida. Disse que estava muito redonda, que ultimamente eu a via comendo muito, que ela não era como eu, que como qualquer coisa e não engordo, que, se continuasse assim, ia virar uma bola, que hoje em dia os meninos rejeitam as gordinhas. Mostrei um regime que tinha marcado para ela em uma revista. Funcionou. Ela jogou a revista na minha direção, gritou “que sacana você é” e se trancou, chorando, no quarto.

Ernesto chegou às quinze para as onze da noite. Nesse momento, a essência floral tinha cheiro de açúcar queimado. Só provou umas batatinhas. “Fiquei trabalhando até tarde e comi no escritório.” Queixei-me de que ele não tinha me avisado. “Sim, não te avisei”, me disse.

Subimos ao quarto. Quando saí do banheiro vestindo o baby doll, Ernesto já estava com a luz apagada. Acendi, mas ele não abriu os olhos. Apaguei a luz. Esfreguei a panturrilha dele com o pé. Ele a afastou imediatamente. *Meu pé deve estar frio*, pensei. Quis ser mais direta. “Erni, você vem?” Ernesto acendeu a luz e agarrou uma pastinha azul que estava sobre o criado-mudo, abriu-a e começou a ler. “Inés, estou muito nervoso com essa viagem. Tenho que fazer uma apresentação no congresso e não consigo tirá-la da cabeça. Prefiro ficar lendo o trabalho, assim durmo mais relaxado.” Cada um relaxa como pode. “Tudo bem, Ernesto, descanse”, eu disse e arrumei os travesseiros.

Na manhã seguinte, me ofereci para levá-lo ao aeroporto. “A empresa me manda um carro”, ele disse. Subiu para se despedir de Lali. Ficaram um longo tempo trancados no quarto. Com certeza, Lali contou tudo sobre a discussão da noite anterior. Já era um clássico Lali encher a cabeça dele contra mim. Fazia isso desde pequena. Além do mais, ambos nunca gostaram de despedidas; a dos dois, porque, se eu tivesse de ir a algum

lugar, não fariam tanto drama. Sobretudo Lali. Podia imaginá-los falando, olhando-se nos olhos, ela chorando lágrimas de crocodilo, ele a consolando. Como se Ernesto não fosse voltar mais!

Lali e Ernesto são assim, exagerados, sensíveis, dramáticos.



— Está dormindo?

— ...

— Lali...

— O que você quer, pai?

— Me despedir. Estou indo, volto na segunda.

— Tchau.

— Não vai me dar um beijo?

— Me deixa, pai, estou me sentindo mal.

— Está com dor de cabeça?

— Não.

— E o que você tem?

— Enjoo e ânsia de vômito.

— O que você comeu ontem?

— Nada, pai, não comi nada.

— Mas, Lali, isso não faz bem. Deve ser por isso que está se sentindo mal.

— ...

— Quer que eu peça à mamãe que te traga algo para comer?

— Não!

— Lali, você não está com essas besteiras de gordura e dietas, né?

— Hoje você está muito lúcido, percebendo tudo, não?

— Sou seu pai, Lali.

— ...

— Não sabe que pode terminar anoréxica?

— Pai, deixa de falar besteira.

— Não, Lali, não é besteira. Agora, vou pedir que a sua mãe traga algo para você comer.

— Não! Quero continuar dormindo, não consegue entender?

— ...

— ...

— Está bem.

— ...

— ...

— ...

— Tenho que ir, um carro vem me buscar.

— Tchau.

— Vou para o Brasil, sabia?

— ...

— Para o Rio.

— ...

— A trabalho.

— Que legal.

— Quer que eu te traga algo do free shop?

— ...

— Um perfume?

— Traz o que quiser.

— Não sei, você é quem sabe, eu sou meio desajeitado para essas coisas.

— Bom, me traz um perfume.

— Algum em especial?

— Não, pai, qualquer um.

— Então coma algo, está bem?

— ...

— A gente se vê.

— Tchau.



Uma buzina soou na frente da casa. Era o carro para Ernesto. A gente se deu um beijo de despedida. Não foi *uaaaau!*, mas foi um beijo. O que, para um casamento de tanto tempo como o nosso, estava mais do que bom. Os casais, com o tempo, vão deixando de se beijar. Isso qualquer um sabe, embora ninguém diga. E não significa nada. É assim. Às vezes se beijam em público, para que os demais vejam que se beijam. Como se dissessem: “Estão vendo que às vezes nos beijamos?” Mas na intimidade é outra coisa, não é preciso. E, se for preciso, é por medo de que fique mal não se beijar; como não falam com ninguém, não sabem que acontece o mesmo com todos. Todos. Inclusive os que têm uma vida sexual mais ou menos ativa. Talvez façam amor uma vez por semana, rigorosamente. Duas vezes, no melhor dos casos. Mas beijar é outra coisa. O beijo perde o encanto muito rapidamente.

Eu o acompanhei até a porta e esperei até que o carro partisse. Acenei em despedida. Ele fez um gesto com a cabeça e levantou a mão, sem agitar. Fui até a cozinha e tomei um café. Li o jornal sem pressa. Não me

incomodava a ideia de passar o fim de semana sozinha. Lali iria ao sítio de uma amiga. Era uma sorte para nós duas. Depois da discussão da noite anterior, a relação estaria um pouco tensa. Eu ia me dedicar a pensar em mim, a fazer todas essas coisas para as quais nunca tinha tempo suficiente. Hidratação, limpeza de pele, banho de imersão, ir ao shopping, alugar um filme bem romântico, desses que Ernesto detesta, comer o que houvesse, não precisar cozinhar para ninguém. À medida que pensava, me entusiasmava mais com a ideia. Seria como me internar em um spa, mas em minha própria casa.

Subi para me trocar. Quando entrei no quarto não me dei conta, estava ali, mas não a vi. Troquei de roupa, escovei o cabelo, me maquiei um pouco e só quando estava para sair que a vi. Como se estivesse me chamando: a pasta azul. Estava sobre o criado-mudo de Ernesto, tal como a havia deixado na noite anterior, depois de repassar sua apresentação no congresso. *Que cabeça, Ernesto, esqueceu a pasta*, disse para mim mesma. E, sem hesitação, entrei no carro e parti em direção a Ezeiza. Que mulher não teria feito o mesmo em meu lugar?

Dirigi mais rápido que de costume. Precisava chegar antes de que Ernesto embarcasse, para poder entregar-lhe a pasta azul. Seguia mentalmente seus passos, a fim de calcular se chegaria a tempo. Ele já devia ter chegado ao Aeroporto de Ezeiza. Tinha saído com bastante antecedência; com tanta antecipação, não devia ter encontrado muita gente na fila de embarque. Ninguém cumpre com as duas horas anteriores ao horário da decolagem que pedem as empresas aéreas. Ernesto, sim, é muito metódico nessas coisas. E muito metódico, então o lógico era que, nem bem tivesse feito o check-in, subisse. O que ia ficar fazendo lá embaixo? Eu, de minha parte, estava bastante complicada com o horário. No pedágio da estrada, para variar, só funcionava metade das cabines, e demorei mais que o necessário. E, dentro do aeroporto, demorei para encontrar onde estacionar. Desci do carro correndo, com a pasta na mão.

Mal as portas automáticas se abriram e eu já estava no hall, procurando Ernesto. Fui de um balcão a outro, percorrendo as filas de embarque. Ele não estava. Fui ao setor de informações. Naquele horário, estava saindo apenas um voo para o Rio. Um voo da Varig. Voltei ao balcão. Pedi que me informassem se Ernesto tinha embarcado. Disseram-me que não davam esse tipo de informação, e eu soube, pelo tom da funcionária, que não valia a pena insistir. Olhei os bares no caminho. Ernesto toma muito café; não faz bem, mas ele gosta; talvez tivesse parado ali. Nada. Poderia estar no banheiro ou comprando algo. Procurei-o nas lojas de suvenires, nas bancas, e esperei um tempo razoável na porta do banheiro dos homens. Não apareceu. Eu queria deixar o recurso de inventar uma desculpa e chamá-lo pelos alto-falantes como última alternativa. Ernesto não gosta de fazer papelões e, para ele, isso teria sido um autêntico papelão, por mais que a pasta azul fosse tão importante quanto sua vida. O melhor seria parar perto da escada de embarque. Se ainda não tivesse subido, teria de passar por lá.

Ia caminhando até a escada quando vi a jaqueta de Ernesto. Uma jaqueta igual à de Ernesto. Mas não era Ernesto, era outro homem, alguém que subia a escada abraçado a uma mulher. Morena, alta. Um homem que dizia coisas no ouvido dela. Com a jaqueta de Ernesto. E uma calça como a que Ernesto usava naquela manhã. Com o vinco bem marcado, como quando passo as calças de Ernesto. E a maleta de Ernesto pendurada na mão. A maleta que eu tinha preparado. Para Ernesto. Ele ficou de perfil para beijá-la. Ernesto a beijou. E ela, Charo, se deixou beijar.

Enquanto a escada os levava para cima, eu quis gritar. Devo ter sofrido algo como uma paralisia momentânea, porque a voz não saía; eu abria a boca, mas o som não aparecia. Mais ainda, o restante dos sons também tinha desaparecido. Como se alguém tivesse abaixado o volume do som ambiente. Eu não conseguia falar, não conseguia me mover, não escutava. Só olhava.

Até que ficaram visíveis somente seus sapatos, os de Ernesto, e as sandálias dela.

E não vi mais nada.



Inés entrou em casa, fechou a porta e deu duas voltas na chave. Eram dez e meia da manhã. Jogou a bolsa em alguma parte. Lali já tinha ido embora. Aproximou-se de cada janela e abaixou cada persiana até que a luz só pudesse ser adivinhada entre as frestas. Desligou o telefone. Subiu ao segundo andar e repetiu os mesmos passos. Olhou-se no espelho do quarto. Foi ao banheiro e procurou no armário os calmantes. Balançou o frasco. Fizeram barulho; havia algumas, pelo menos meio frasco. Desenroscou a tampa, colocou algumas pílulas sobre a palma da mão. Ficou com duas e devolveu o restante ao frasco. Colocou-as na boca. Deu um gole de água. Antes de tomá-la, tirou uma das pílulas da boca e a jogou na privada. Engoliu a outra. Desceu. Entrou na cozinha. A louça do café da manhã continuava ali. Como se nada tivesse acontecido. Tentou lavar uma xícara. Mas terminou jogando-a na pia. A asa saltou e bateu três vezes sobre o mosaico da cozinha. Lavou o rosto. Ficou um tempo assim, com o rosto molhado. Secou-se com um pano úmido. Sentiu nojo. Chorou. Colocou o resto das coisas do café da manhã dentro da pia, inclusive a

manteigueira, com a manteiga meio derretida. Foi até a sala. Queria ir até a garagem, mas foi até a sala. Deu algumas voltas ao redor da mesa de centro. Serviu-se de uísque. Sem devolver a garrafa ao bar, bebeu. Largou o copo. A garrafa não. Saiu. Foi até a garagem. Entrou e fechou o portão atrás de si. Caminhou diretamente até a parede do fundo. Tirou o tijolo. Ia pegar as coisas que escondia atrás desse tijolo, mas não fez isso. Deixou tudo como estava. Foi até a cozinha. Procurou as luvas de borracha. Não encontrava. Retirou as xícaras da pia sem cuidado. Estavam ali, debaixo dos restos do café da manhã. Molhadas e sujas. Lavou e secou. Voltou à garagem. Com as luvas. Foi outra vez até a parede do fundo. Pegou as coisas que escondia atrás do tijolo. Procurou onde enfiá-las. Encontrou a caixa de ferramentas. Jogou no chão tudo que havia dentro. Guardou as cartas de Tua, as passagens para o Rio, as fotos de Ernesto nu, a caixa de preservativos com dedicatória e a fechou. Devolveu o resto ao buraco e colocou outra vez o tijolo em seu lugar. Faltava o revólver. Foi até o carro e abriu o porta-malas. Tirou a roda e ali estava, onde o havia colocado no dia em que o trouxera da casa de Alicia. Retirou-o suavemente, quase que com respeito. Enfiou-o na caixa de ferramentas. Saiu da garagem com a caixa em uma das mãos e a garrafa de uísque na outra. Devolveu o uísque ao bar e deixou no balcão a caixa de ferramentas. Foi até a cozinha. Colocou outra vez as luvas sobre a pia. Abriu a torneira e lavou o rosto com muita água fria.

Aí, sim, embaralhou outra vez e distribuiu as cartas.



Ernesto e Charo subiram a escada de embarque se beijando.

Não era preciso que se virassem, eu tinha visto com meus próprios olhos. E nossos olhos não mentem. No máximo podemos fechá-los, mas para isso já era tarde demais. Todas as minhas fatias de pão tinham caído com o lado da manteiga para baixo, e eu tinha de aceitar. Mas, embora Ernesto e Charo tivessem se beijado, como o fizeram, na escada de embarque, eu não conseguia montar o resto da história. Porque havia muitas alternativas bastante diferentes. Passei o dia todo avaliando-as, procurando dados que as confirmassem ou erros que as desqualificassem. Na metade da tarde, a confusão que tinha na cabeça era tal que as diferentes alternativas se misturavam e eu já não sabia quais havia descartado e quais continuavam vigentes. Então pensei em fazer um quadro sinótico. Na escola, quando era preciso estudar algo muito complicado, eu montava um quadrinho sinótico com muitas flechas, muitas chaves, tudo bem pequenininho, bem organizado, coisa que, se não me ajudava a esclarecer o pensamento, pelo menos servia de maquete.

Nunca fui muito boa no colégio. Não me interessava; eu passava o tempo todo pensando em outras coisas. A princípio isso me trazia problemas. Tinha medo que me chamassem de burra. Até que passei uma tarde (eu devia estar na quinta série) tentando me lembrar dos nomes dos diferentes tipos de triângulos: equilátero, isósceles e escaleno. Nunca me lembrava do isósceles. Sentia que era uma burra, repetia e repetia e, quando fechava o caderno, esquecia. Como se tivesse um defeito. Mamãe me viu mal e me disse: “Querida, não se preocupe que na vida, se há algo que não vai te servir para absolutamente nada, é saber o que é um triângulo isósceles”. E tinha razão: a gente aprende tanta besteira. *Quero ver se o isósceles vai resolver meu problema com Tua*. Sobre esses triângulos, ninguém ensina nada, você tem de aprender sozinha. E como custa. Quase sempre você é reprovada. Embora a gente ache que saiu vitoriosa. Porque, num dia menos inspirado, em vez de eliminar um lado do triângulo, você se dá conta de que acrescentou outro. O triângulo se transformou em quadrado. Como se passou comigo. Como se passou com Alicia.

E, dessa geometria, ninguém sabe nada.

O quadro sinótico dizia mais ou menos o seguinte:

Título: *Prováveis situações entre Ernesto e Charo*

A princípio, eu havia escrito “Prováveis relações entre Ernesto e Charo”, mas a palavra “relações” me irritava. Descartei também vinculações, vínculos, conexões, laços, ligações, por diversos motivos.

Alternativa 1:

Tudo o que Ernesto me disse até agora é verdade, mas:

- casualmente se encontrou com Charo no aeroporto;
- casualmente ela também viajava para algum lugar (não ao Rio);
- casualmente subiram juntos a escada;
- casualmente Ernesto ou ela, ou ambos, sentiram vontade de se beijar e assim fizeram.

Descartei essa alternativa por um motivo muito simples: não acredito em casualidades. E a gente tem de ser fiel a si mesmo. “Casualmente”, você pode andar pela rua e, de uma sacada, pode cair um vaso e quebrar sua cabeça. Mas pensar que duas pessoas podem se beijar “casualmente” enquanto embarcam em um avião é, no mínimo, infantil.

Alternativa 2:

A história de Tua é mais ou menos como eu a conhecia e:

- Ernesto, de tanto ver Charo por causa disso, terminou se interessando por ela;
- ele tinha de ir ao Brasil a trabalho e decidiu levá-la;
- trata-se de um caso como tantos outros que Ernesto arranjou nestes anos de casamento, com o qual não é preciso se preocupar.

Você acha?, disse a mim mesma nem bem terminei de escrever. É bom isso de escrever o que se pensa porque, quando voltamos a ler, é como se estivéssemos falando com outra pessoa, e podemos discutir e criticar à vontade. Eu dizia, olhando para o papel, a essa outra que era eu, mas não era: *Quem pode ter pensado em semelhante idiotice?* Se Ernesto e essa mulher, que de uma ou outra maneira estavam relacionados ao desaparecimento de Tua, não davam bola e viajavam juntos beijando-se em público, é porque o deles não era “um caso como tantos outros”.

Antes de montar a “alternativa 3”, tive de fazer um pouco de trabalho de campo. Sabia de poucas coisas sobre Charo. Acho que apenas três: que era a sobrinha de Alicia, que tinha um caso de algum tipo com meu marido e que trabalhava como fotógrafa para uma revista de atualidades. Fui à banca e pedi emprestadas ao dono todas as revistas daquela semana, examinei as equipes de cada uma e comprei a que dizia “Fotos por Charo Soria”. Voltei para casa. Liguei para o telefone da editora. Não acontecia nada. Desliguei e percebi que o telefone não tinha linha. Estava desligado. Coloquei na tomada e liguei. “Edições Pampa”, atenderam. “Oi, eu queria

falar com a senhorita Charo Soria, a fotógrafa.” “Ela não está.” “Quando posso encontrá-la?” O homem do outro lado da linha se afastou do telefone, mas escutei quando gritou: “Gente, quando a Charo volta?” Alguém gritou em resposta, mas não entendi. “Não sabemos, senhora, está viajando”, disse o do telefone. “Ah, está viajando. Deve ser a famosa viagem ao Rio que ia fazer.” “Sim, essa mesma, a que foi adiada da outra vez”. *A que foi adiada da outra vez*, pensei, mas não consegui dizer, porque minha língua ficou um pouco travada. Tinha me baixado a pressão e tomara um pouco de uísque. Fora o uísque, com certeza. Engoli saliva, mexi a língua de um lado para o outro e, com esforço, prossegui: “E, me diga, posso mandar um envelope para aí? Estou ligando da imobiliária, ela nos deixou um apartamento para alugar e temos um interessado, gostaria que ela visse a proposta o quanto antes”. “Sim, sem problemas.” “Diga-me, querido, como é o nome completo dela? Assim coloco direito no envelope.” “Amparo Soria, mas também coloque Charo, porque ela usa o apelido para tudo.” “Não, para certas coisas, o apelido não serve. Obrigada e tchau.” “Tchau, senhora.” Desliguei e fui direto à caixa de ferramentas examinar as passagens que tinha encontrado no criado--mudo de Alicia, junto ao revólver e às fotos de Ernesto. As fotos de Ernesto nu. Tudo batia. As passagens para o Rio diziam “A. Soria”. “A” que podia ser de Alicia, mas era de Amparo. Analisei todas as cartas. Nenhum nome. Todas assinadas como Tua. Que podia ter sido Alicia, não dá para saber. Mas também podia ter sido outra. Porque aí só dizia “tua”. As fotos falavam por si sós. E foi então que me senti uma burra. Porque eu devia ter percebido isso antes. Mais que fotos, contatos. Essas fotos pequenininhas que os fotógrafos profissionais revelam para escolher depois. Fotógrafos profissionais como Charo.

Só então montei a alternativa 3.

Alternativa 3:

- Alicia não era Tua.
- Tua é a sobrinha dela, Charo (note-se a diferença no tempo do verbo ser: era para Alicia, é para Charo).
- Alicia havia tido uma relação anterior com Ernesto (pistas utilizadas para essa afirmação: sua ligação na noite do acidente, sua atitude em Palermo, da qual fui testemunha, o revólver sobre as fotos de Ernesto nu).
- Alicia foi enganada em sua boa-fé pela própria sobrinha e não conseguiu suportar a tremenda ofensa infligida pela dita-cuja e seu amante (de ambas), ou seja, meu marido. O do quadrado.

Senti uma profunda pena de Alicia. O que haviam feito a essa mulher não tem nome. Sobretudo a sobrinha. A gente está preparada para ser sacaneada por um homem, isso é um clássico. E, se nunca te sacanearam, você vai viver o tempo todo com a espada de Dâmocles sobre a cabeça, porque sabe que um dia, cedo ou tarde, vão te sacanear. Mas o próprio sangue é outra coisa. Isso sim dá um nó na cabeça. Acho que, se Alicia e eu tivéssemos conversado um pouco antes de acontecer o que aconteceu, eu poderia ter ensinado algumas coisas para ela. Acho que, no fundo, ela deve ter sido muito ingênua. Já passei por tantas. Ambas contra Charo teria sido uma luta mais justa. Entre as duas, não tínhamos aquele par de peitos, mas claro que algo ia ocorrer. E depois poderíamos ver o que faríamos com Ernesto. Acho que até teríamos sido boas amigas. Não digo íntimas, mas boas amigas.

Alicia não estava mais presente; eu sim, e, apesar das desigualdades, não ia me render assim.

Da “alternativa 3” puxei três flechas que começavam com um ponto de interrogação.

? Ernesto e Charo mantêm até hoje uma relação extraconjugal.

Com os seguintes comentários à margem, inclinados e em letra menor para que coubessem: *esperar, tranquilizar-se, já vai passar*. Porém, em uma

segunda leitura, eliminei essa opção e coloquei uma nota ao pé da página que dizia: *ver alternativa 2*.

? Ernesto e Charo mantêm uma relação que está crescendo (ex.: viagem ao Brasil).

Comentários à margem: *plano de ação, intervenção direta, declaração de guerra (contra ela)*.

? Ernesto e Charo não voltam dessa viagem.

Sem comentários à margem.

Saí, procurei um telefone público que funcionasse e digitei o número da polícia. Era só esperar que alguém atendesse, dizer o que tinha a dizer e depois desligar. “31ª Delegacia”, falaram do outro lado.



— Oi, pode tirar a mochila para me dar um lugar?

— ...

— Obrigado.

— ...

— *Atenção por favor, na plataforma 6 sai o ônibus da Río de la Plata, horário 22h30, com destino a Mar del Plata...*

— Como o das 22h30? Que merda, saem todos, menos o meu!

— ...

— Faz um ano, um ano e meio que viajo toda semana. A trabalho, sabe? Acredita que nunca sai no horário?

— ...

— Não importa para onde eu vá. Meu ônibus sempre atrasa.

— Ah...

— *Atenção por favor, na plataforma 18 sai o ônibus das 22h40, da Micromar, com destino a San Nicolás.*

— Viu, não estou dizendo?

— ...

— Você também está esperando o de Rosario?

— Não.

— E vai para onde?

— Não, não vou.

— Veio esperar alguém...

— ...

— Nossa, menina, você adora conversar, não?

— ...

— Que foi?

— ...

— Para, para, não faça essa cara que eu não fiz nada de errado.

— ...

— Ah, não, só me falta você se fazer de coitadinha e começar a chorar.

Que foi que eu te fiz? Só puxei conversa, nada mais.

— ...

— Não, para, não vai embora. Eu te faltei com o respeito, fiz alguma coisa?

— ...

— Chega, menina, para de chorar que está pegando mal para mim, o que as pessoas vão pensar?

— ...

— Menina, você está ferrada, não? Posso saber o que está acontecendo?

— ...

— Com essa carinha e na sua idade, o que pode ter acontecido? Para com esse drama!

— Estou grávida, meu namorado desapareceu, meu pai e minha mãe não sabem de nada, meu pai mete chifre na minha mãe e foi viajar com a amante, minha mãe sabe de tudo mas se faz de tonta...

— Puta merda!

— Está vendo?

— ...

— ...

— Desculpa, vai...

— ...

— Desculpa.

— Tudo bem.

— E o que você está fazendo aqui na rodoviária?

— Eu saí de casa. Minha mãe é a pior. Se tiver que passar o fim de semana sozinha com ela, vou acabar me matando.

— O quê? Está pensando em passar a noite aqui?

— Sim. De dia ando por aí, vou a um shopping ou a uma praça, nada de mais. Mas à noite me dá medo; aqui é mais seguro, tem luz, polícia, essas coisas.

— E não vai fazer mal ao menino?

— Que menino?

— Esse que você tem na barriga, menina.

— Ah.

— ...

— Não sei.

— Olha que quando está de barriga você precisa descansar e se alimentar bem. Por dois, dizia a minha mulher quando estava esperando o Leo. Mais de vinte quilos ela acabou engordando!

— ...

— O Leo é meu filho, Leonardo, mas chamamos de Leo.

— ...

— Tem seis aninhos.

— ...

— Já chuta?

— Sim, bastante.

— Vai sair um goleador, então.

— ...

— Hã... posso?

— Pode.

— Não sinto nada.

— Tem que esperar.

— Até sair o ônibus, tenho tempo para que ele dance um malambo.

— Vai ser a primeira pessoa a sentir.

— Que ótimo! Vai ter que colocar meu nome...

— Como você se chama?

— Guillermo... Ui, chutou! Chutou, sentiu?

— Senti.

— Guillermo. Se for menina, Guillermina, tudo bem?

— Vou pensar. Eu gostaria de Lucas.

— Coloca Guillermo. Lucas é meio fifi, meio bichinha, viu?

— Vou pensar.

— ...

— ...

— Você não tem uma amiga com quem possa ficar umas noites?

— Tenho uma, mas foi para um sítio com os pais.

— ...

— ...

— Se quiser, posso ligar para a minha mulher e falar...

— Não, não, está tudo bem, a verdade é que quero ficar sozinha.

— Como sozinha, se aqui tem um milhão de pessoas?

— ...

— Ah, ninguém vai te dar bola...

— ...

— ...

— *Atenção, na plataforma 9 sai o ônibus das 22 horas da El Águila com*

destino a Rosario.

— Ai, tem que sair bem agora?

— ...

— Não queria te deixar assim. Tem certeza que não quer ir para a minha casa? Minha mulher é legal, não vai ter problema.

— Não, tenho certeza, estou bem.

— Não minta, cara de pau, com toda essa bagunça em que você está metida, como vai estar bem?

— *Última chamada para o ônibus da El Águila.*

— Já vou, já vou. Que bando de filhos da puta! Fazem a gente esperar duas horas e depois querem que saia correndo!

— ...

— ...

— Obrigada.

— Guillermo ou Guillermina, não esqueça.

— Vou pensar.

— Chega de tanto vou pensar. Você pensa tanto em tudo, menina?

— Se pensasse tanto em tudo, não estaria assim.

— Viu, isso é bom, está rindo de si mesma. Isso é muito bom.

— ...

— Vou embora.

— Tchau.

— Tchau. Boa sorte.

— ...

— Tchau.

— Tchau.

— Olha, menina, anotei aqui meu telefone. Em dois ou três dias estou de volta, qualquer coisa que precisar me liga, tá? Que letra de merda que eu tenho! Consegue entender os números?

— Oito dois cinco, oito três, oito três.

— Oito três, oito três, isso. Com o quatro na frente, viu?

— Sim, sim.

— Bom, então pronto. E como você se chama?

— Lali, hã, Laura, mas me chamam de Lali.

— Tchau, Lali.

— Tchau.

— Me liga.

— Tchau.



Na última sexta-feira, às cinco horas da tarde, o pessoal da 31^a Delegacia recebeu, em um envelope anônimo, um mapa desenhado à mão que aponta o lago Regatas de Palermo como o lugar onde se encontraria o corpo de Alicia Soria, desaparecida desde 30 de junho próximo passado. Nesse mesmo dia, sexta, anteriormente à recepção do citado material, foram feitas várias ligações, todas de telefones públicos localizados em diferentes pontos desta capital, avisando que o corpo de Alicia Soria se encontraria submerso no mencionado lago. A polícia estuda a veracidade da informação, que levaria a um giro de cento e oitenta graus em um caso ainda não esclarecido.

Copacabana talvez seja o motivo pelo qual quem visita o Rio de Janeiro se apaixona por essa cidade à primeira vista. O mar nunca muito bravo e a areia branca a convertem na praia ideal para tomar sol e se refrescar.

Como se tornaram públicas as versões sobre a possibilidade de que o

corpo de Alicia Soria esteja no lago Regatas de Palermo, apresentou-se na 31ª Delegacia um taxista que garante ter levado até o local uma mulher, na noite do desaparecimento da mencionada Soria. É a primeira vez, desde que os familiares de Alicia Soria fizeram a denúncia, que aparece uma testemunha com informações sobre o caso. O taxista Juan Migrelli, de cinquenta e um anos, diz que não havia percebido, até ontem, que podia se tratar da mesma mulher, mas, diante das versões que ganharam a rua nas últimas horas e aconselhado por sua mulher, Migrelli decidiu se apresentar na 31ª Delegacia para dar seu testemunho. “Lembro que disse: ‘Senhora, acha seguro ficar sozinha aqui a esta hora?’, e ela respondeu: ‘Não se preocupe, já vão vir me buscar’. A gente não pode se meter na vida dos passageiros, por isso cobrei a viagem e fui embora”, disse o taxista.

Lucas, do latim, “resplandecente como a luz”. Outras variantes do nome: Luca, Lucca.

Guillermo, nome de origem germânica, significa “o protetor”.

Na última hora da sexta-feira, e depois de uma árdua jornada, os advogados da família Soria conseguiram que o juiz que cuida do caso ordenasse o início das buscas no lago Regatas de Palermo, que serão realizadas a partir das primeiras horas de hoje. O mencionado lago é, com seus dez hectares, o maior da cidade de Buenos Aires. No entanto, trata-se de um espelho d’água artificial, fechado, com limites bem marcados, uma saída de água e uma entrada, o que facilita as buscas, que sem dúvida começarão pela área indicada no mapa anônimo recebido ontem na 31ª Delegacia e que coincidiria com o que afirma o taxista Juan Migrelli (ver quadro). Além disso, especialistas da área advertem sobre a complexidade da tarefa a ser desenvolvida, devido à abundância de algas. Espera-se que um corpo flutue setenta e duas horas depois de ocorrido o afogamento. No suposto caso de que a desaparecida Alicia Soria esteja ali, esse prazo já se

encontraria amplamente cumprido. No entanto, a hipótese com a qual se trabalha é, justamente, que o corpo se encontre preso nas algas do lago.

Ipanema é uma praia que dita tendências para o restante do país e do mundo. Foi aqui que a primeira grávida se atreveu a usar biquíni, onde se viu o primeiro topless e onde apareceu o primeiro biquíni do tipo “fio dental”.

Durante todo o dia de ontem, trabalharam na área mergulhadores táticos do Grupo Especial de Resgate (*ger*) da Polícia Federal. As tarefas começaram às sete e quinze da manhã e continuaram sem interrupção até o anoitecer. Para melhorar a busca, as duas margens do lago foram unidas por uma corda. Os mergulhadores rastreavam essa área e depois moviam a corda aproximadamente um metro, para prosseguir em outra faixa de busca. “É a única maneira de garantir que não resta nenhum lugar para revistar”, declarou Fermín Lemos, responsável pela operação. Os mergulhadores utilizam uma câmera que reflete as imagens captadas em dois monitores. Mas até o momento em que interromperam a busca, às sete e dez da noite, nada conseguiram ver além de plantas. Por essa circunstância, praticamente o único elemento do qual se podem valer os mergulhadores é o próprio tato. Para a busca, são obrigados a ficar sobre os pés, caminhar para frente e mover os braços de cada lado do corpo, tentando encontrar algo. Levam cargas de um quilo e meio, um peso várias vezes maior que o usado habitualmente, para evitar que flutuem. Também contam com o que chamam de “cabo da vida”, uma corda que os conecta com um bote e que, na eventualidade de um problema, pode ser puxada, a fim de avisar que precisam subir. Como aconteceu na última hora de ontem, quando um dos mergulhadores se machucou com os restos de um caiaque afundado (ver nota à parte). Os mergulhadores trabalham em duplas e em turnos de quarenta e cinco minutos. Depois de cada mergulho, descansam por uma hora e meia fora da água. Cada vez que os

mergulhadores emergem à superfície, aparecem envoltos em um emaranhado de algas grudadas no traje de neoprene. Para os homens do *ger*, a operação é um inferno; parecem abatidos, queixando-se de um lago onde a busca é pior “que na selva à noite”.

Inés, do grego, “pura e casta”.

Ernesto, do germânico, “lutador decidido a vencer”.

Laura, do latim, “a vitoriosa”.

Às duas e meia da tarde, por ordem da prefeitura, foram abertas as comportas do lago, apesar da oposição da Associação de Amigos e Vizinhos do Lago, baseada em argumentos de impacto ambiental. “O desaparecimento de uma pessoa não pode ser submetido a considerações ecológicas de nenhum tipo”, disse o doutor Ricardo Soria, pai de Alicia Soria, em sua única declaração à imprensa. De seu lado, o presidente da mencionada associação ecológica, o doutor Luis Julio López, afirmou que “esvaziar o lago é atroz; deveriam enchê-lo, para que o corpo inchado pelos gases emergja, embora o lago esteja cheio de juncos. Vão acabar eliminando boa parte da flora e da fauna”. López refere-se ao fato de que, no lago e nos arredores, vivem peixes (há cinco espécies preponderantes, entre as quais se destacam “os carás-de-lagoa e as traíras”), ratões-do-banhado, aves das mais variadas e uma profusão de algas. Ontem, perto do meio-dia, a empresa Aguas Argentinas, que há quatro anos se encarrega de limpar os lagos de Palermo, recebeu uma ordem precisa da Secretaria de Produção e Serviços: abrir as comportas que unem o Regatas com o rio da Prata através do riacho Medrano. O lago conta com duas bocas de entrada e saída de água, ao norte e ao sul. Uma está conectada diretamente a uma estação depuradora da companhia Aguas Argentinas; a outra, aberta, libera a água do lago no riacho Medrano, em direção ao rio da Prata. Na comporta norte, foi instalada uma rede de arame que, se confirmada a

hipótese, impedirá a saída do corpo. A água corre através de seiscentos metros de canos subterrâneos que cruzam a Avenida Figueroa Alcorta e entra no Regatas por uma cascata de pedras, para evitar que o jorro de água cause erosão no leito. A Aguas Argentinas se encarrega de manter o equilíbrio da vegetação do lago. “Se houvesse excesso de algas, a água ficaria verde; o equilíbrio existente permite manter a água oxigenada”, declarou o porta-voz da empresa. Se, devido ao esvaziamento, alguma espécie precisar ser ajudada, será trasladada ao Rosedal em tanques especialmente acondicionados. Até ontem, nenhuma espécie teve de ser transferida.

Finalmente, o deságue do lago foi interrompido quando a água baixara apenas um metro e meio, já que as algas, do tipo “rabo de gato”, se embolaram no fundo e dificultaram ainda mais a tarefa dos mergulhadores táticos.

O Cristo Redentor, cravado no Corcovado, é talvez a imagem mais típica do Rio: um Cristo de braços abertos, abençoando a cidade. Ninguém pode ir embora do Rio sem visitá-lo.

Depois de dois dias de intensas buscas, nas últimas horas da tarde de ontem, foi encontrado, no fundo do lago Regatas de Palermo, o corpo sem vida de Alicia Soria. O corpo estava a catorze metros da costa, em uma zona onde o lago teria entre três e quatro metros de profundidade, e foi encontrado graças a um sonar emprestado por um amigo da família, já que nem os bombeiros, nem a polícia portuária contavam com o citado equipamento. A temperatura da água do lago nesse momento chegava a dezoito graus. Uma sonda ecográfica como a utilizada vale trezentos e cinquenta pesos nas lojas de pesca e foi criada para detectar cardumes. O mergulhador tático que encontrou o cadáver disse, quando emergiu: “Encontrei, está preso no meio de um nó de algas”. Na margem do lago

estava o pai de Alicia Soria, o doutor Ricardo Soria. Sua mulher, Beatriz Panne de Soria, teve de ser retirada momentos antes, ajudada pelo corpo médico, devido a um mal súbito. O doutor Soria assistiu, a uma distância de cinco metros, quando enfiaram o corpo que poderia ser de sua filha em um saco plástico cinza e o levaram no caminhão do necrotério. Resta ainda um amargo momento a atravessar: reconhecer o corpo. No entanto, vazou a informação de que no peito da mulher havia uma medalha com as iniciais “A.S.” e a data de nascimento de Alicia Soria.

Nesse momento, cinco horas já haviam se passado desde que tinham saído os três barcos e os três botes de borracha, um dos quais levava instalada junto ao motor a sonda ecográfica pertencente a Luis Mateua, amigo pessoal do doutor Soria e fã de pesca esportiva. Da operação participaram bombeiros, mergulhadores da Polícia Portuária e civis. Logo que a sonda indicou o lugar, um mergulhador se jogou e tocou a cabeça da desafortunada mulher. Imediatamente, os outros botes se concentraram ali, e outros três mergulhadores desceram; depois de cortar e arrancar as algas, retiraram o corpo. Em três oportunidades anteriores, a sonda tinha dado falsos sinais. Os erros se deram pelo fato de ela estar programada para detectar peixes, que é a imagem que aparece na tela de cristal líquido de dez centímetros. O equipamento os classifica como peixes médios, grandes e pequenos. Quando o aparelho detectou o corpo de Alicia Soria, informou a existência de quatro peixes grandes e um pequeno, juntos.



Ernesto voltou. Com isso, a pergunta número 3 da alternativa número 3 de meu quadro sinótico estava invalidada. Na segunda-feira, às cinco da tarde, abriu a porta com as próprias chaves e disse: “Olá, Inés”. Aproximou-se da poltrona onde eu estava e me deu um beijo no rosto. Deixou a mala de lado. “Tenho um monte de coisas para lavar aí dentro.” *Desde que não me faça lavar um sutiã daquela lá*, pensei. Desculpou-se por não ter parado no free shop para me comprar algo. “Tinha prometido um perfume para Lali, mas estou esgotado, queria chegar em casa o quanto antes.” “Muita atividade?” “Você não imagina...” Estive a ponto de interrompê-lo várias vezes para contar sobre o cadáver recuperado, mas, a cada vez que tomava coragem, ele recomeçava. Perguntou por Lali, por ela sempre pergunta. “Não sei, passou o fim de semana todo no sítio de uma amiga e nem ligou, portanto deve estar bem. Se tivesse precisado de algo teria ligado, não?” *No news, good news*, minha mãe odeia esse dito. Claro, aplicado a meu pai era quase uma zombaria. Depois Ernesto falou mais algumas coisas, dessas que qualquer marido diz quando chega de viagem: se alguém ligou, como

esteve o tempo por aqui etc. etc. etc. Não perguntou pelo cachorro porque não temos. Tanto lugar-comum começou a me deixar desconcertada. Eu tinha me preparado durante o fim de semana todo para que acontecesse alguma coisa quando Ernesto voltasse. E alguma coisa era que Ernesto não falasse comigo, que viesse juntar suas coisas e fosse embora para sempre, que me dissesse, simplesmente: “Estou apaixonado por outra”. Até que não voltasse. Mas não me preparei para tanta normalidade. Ernesto agia como sempre, o que me fez pensar que aquele não teria sido seu único fim de semana de amor clandestino. Com Charo ou com outra. E, depois desse clique, comecei a ver a coisa com mais clareza. Se tinha havido outros, isso era muito bom, queria dizer que nosso casamento era mais forte que suas escapadas higiênicas. Pois de que outra maneira poderia ser classificado o que ele havia feito? Tem gente que vai três dias a um spa para ser massageado, outros que vão se desintoxicar, outros que tomam banhos de barro ou de placenta de tartaruga. Cada um com seu gosto. Ernesto, evidentemente, precisava de outro tipo de relaxamento. Quem está livre de pecado para dizer que o dele é mais criticável do que se estressar, fumar ou não conseguir parar de comer? Sem falar de outros vícios. Diferentes vícios. Temos o dever de compreender. E, apesar de seu vício, Ernesto sempre voltava. Como nessa segunda-feira. O golpe final chegou quando me disse: “Inés, você se lembrou de pegar meu terno cinza na tinturaria?” e, com essa frase, me desarmou, não consegui responder. “Eu te disse que precisava dele para amanhã sem falta, Inés.” Era o mesmo Ernesto de sempre. Mamãe teria me dito: “Outra vez sopa, menina!” Mas ela é tão negativa, foi tão golpeada. Eu não. E, no meio de tanta escuridão, ver a luz e me dar conta do que era mais importante, quando eu mesma acabava de acender o fósforo para o incêndio, me deu muito medo.

Ernesto se serviu de algo para beber e se sentou na poltrona de frente para mim. Apoiou os pés na mesinha de centro, junto à pasta azul onde eu agora guardava os recortes que tinham aparecido no fim de semana sobre a

morte de “Tua”. Ou da “ex-Tua”, ou da que “eu achava que era Tua”. Fiquei com a vista fixa em seus sapatos, a menos de cinco centímetros da pasta. Não aguentei mais e disse: “Alicia apareceu”. Ernesto ficou duro. “Ontem encontraram o cadáver.” Inclinei-me sobre a mesa de centro e aproximei a pasta azul dele. Ernesto a abriu e foi lendo os recortes cronologicamente, tal como eu havia organizado. A pasta tremia em suas mãos. Senti pena, parecia um menino. Entrou Lali. Cumprimentou baixinho. Estava de cara feia: certamente, devia ter passado um fim de semana péssimo com sua amiga, não deviam ter dormido nada e essas coisas que fazem as meninas de sua idade. Mas não era o momento de tentar educá-la. Estavam se passando coisas muito graves com seu pai e comigo. E, àquela altura, já tínhamos investido muitos anos e esforços em sua educação. E dinheiro. Ernesto certa vez fez a conta. Quando ela terminasse o ensino médio, teríamos investido, só em mensalidades do colégio, quase oitenta mil dólares. Somados os materiais, os uniformes, os livros, as excursões, a bendita viagem de formatura, uma ou outra professora particular etc. etc., não ficava por menos de cem mil dólares. Impressionante. E, como dizia Ernesto, para depois vir e falar que quer ser modelo. Ou dona de casa; isso dizia eu, porque, quanto a ele, nem lhe passava pela cabeça que sua filha acabasse como dona de casa. “Ela serve para outra coisa”, ele dizia. Ernesto sempre pensava em Lali, mas nesse dia, com a pasta azul nas mãos, acho que só pensava nele. E fazia bem. Porque pensar nele era pensar em todos nós, em sua família. Que Lali tivesse dormido ou ficado acordada um dia, não ia mudar a vida. Ficou um momento nos olhando, dura, azeda, como sempre, e depois subiu. Ernesto não pensou em falar nada. Pior que isso, tentou dizer “Não consegui seu perfume”, mas a voz se quebrou e a frase soou com a de uma telenovela. Do meio da escada, Lali se virou para olhá-lo e continuou. Foi uma sorte; às vezes esse silêncio com o qual os filhos adolescentes querem nos castigar é o melhor que pode acontecer. Virão falar conosco quando precisarem de

algo. “Se ela soubesse o que está acontecendo com seus pobres pais!”, eu disse. E Ernesto me respondeu: “Deixa, é uma menina”. Típico dele, sempre a justifica.

Ernesto esperou que Lali desaparecesse por completo na escada para continuar com a pasta. Enquanto lia, sua cara ia se transformando. O bronzeado brasileiro ia empalidecendo. “Lali não deve saber de nada”, ele disse. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Parecia quebrado. “Que vergonha!” Chorou. Não sei se por Lali, por ele ou pela própria Alicia. Mas chorava de verdade.

Levantei-me e fui me sentar perto dele. Ernesto jogou a pasta sobre a mesa e ficou com o olhar perdido. Suspirou. Secou as lágrimas. Olhou para mim. Agarrou minha mão e a apertou. Acariciou uma mecha de cabelo que caía sobre meu rosto, me deu um tapinha na perna e disse: “Fique tranquila, vai ficar tudo bem”.

Foi quando eu me convenci totalmente de que, em definitivo, tinha me equivocado.



— Pau...

— Lali?

— Sim.

— Ah, o que está fazendo?

— Tô em casa. Como foi?

— Muito legal. E você, o que conta?

— Tudo bem.

— Não foi ao colégio?

— Não... nem você.

— Cheguei muito cansada do fim de semana com meus pais. Me deixaram esgotada. A essa altura do ano, já nem dão falta.

— ...

— ...

— Então, Pau, faz mais ou menos uma hora que a barriga ficou superdura. No fim de semana aconteceu algumas vezes, mas nada de mais, depois passou e tudo bem, mas agora está acontecendo mais vezes, e não

para. Não sei. Tem ideia do que pode ser?

— Nem ideia.

— ...

— ...

— ...

— Está doendo?

— Não. Mas fica dura como uma rocha.

— Será que não são as contrações?

— Não sei.

— Ouvi dizer que as contrações são tipo assim.

— Assim como?

— Assim, a barriga fica dura.

— ...

— Não tenho certeza, hein?

— E se são, o que eu tenho que fazer?

— Ai, não sei nada sobre isso!

— ...

— Você tem que perguntar para alguém que saiba. Quer que eu fale com a minha mãe?

— Não, não piore as coisas.

— Não, eu... Se você não quiser, não falo nada.

— Agora está passando um pouco.

— Ai, que bom.

— É.

— ...

— ...

— Já passou?

— Sim, quase.

— A gente se vê mais tarde?

— Tudo bem.

- Bom, se você estiver bem...
- Sim, com certeza vou ficar bem.
- Às cinco, no shopping.
- Certo.
- Tchau.
- Tchau.



Eu estava bem mais tranquila. Comecei a preparar algo gostoso para o jantar. Algo de que Ernesto gostasse. Não preparei lombo apimentado com batatas ao creme por superstição. Era o que havia preparado na noite em que Ernesto foi para o Brasil com Charo. Fiz frango com laranja, um pouco amargo para o meu gosto, mas é um prato sofisticado e que não me trazia nenhuma lembrança.

Que tivesse aparecido o cadáver não mudava tanto as coisas. Era certo que, se a autópsia fosse feita com um pouquinho de cuidado, ia aparecer o golpe na cabeça. Mas, neste país, nunca se sabe. E além do mais, se aparecesse, o golpe não levava a assinatura “Ernesto Pereyra”.

Ernesto tomou um banho e desceu para comer. Por sorte, Lali tinha saído. Havia ido ao shopping com uma amiga. O mundo pode estar desabando e os adolescentes continuam indo e vindo do shopping, sem comprar nada, claro. Que geração, meu Deus! Mas, por mim, se quisesse ir ao shopping, que fosse. E, se ficasse para dormir na casa da amiga, tanto melhor. Era bom que Ernesto e eu ficássemos sozinhos para poder falar e

agir sem ter de evitar ser ouvidos. Não era o momento de contar a Lali o que estava acontecendo.

Servi o frango. Ernesto parecia mal, preocupado. Não era para menos, mas, se a gente não se anima um pouco, a realidade acaba nos matando. A coisa estava complicada, isso não se podia negar. Porém a situação não era irreversível, e isso era o que importava. Há poucas coisas irreversíveis na vida: a morte, perder um braço, ter um filho. Dessas coisas não há retorno possível. Para o bem ou para o mal. Ernesto não estava morto, não lhe tinham cortado um braço nem tivera um filho. Sim, uma filha, comigo, e isso eu sabia que jogava a meu favor. Portanto, tínhamos de continuar lutando, batalhando, para desvinculá-lo totalmente de qualquer suspeita. O verdadeiro problema que enfrentávamos era que não havia muitos suspeitos no caso. Se houvesse, a pressão teria sido distribuída entre várias pessoas e a coisa teria sido mais fácil de manipular. Mas não havia. Ernesto era praticamente o único suspeito. Para mim, fora uma surpresa que estivesse envolvido. Eu não sabia. Ernesto não quis me contar. “Não queria te preocupar; enquanto não havia cadáver, não havia delito”, me disse, parafraseando uma frase minha de meses antes. E senti uma faca se enfiando em meu peito, porque, se havia cadáver, era por minha culpa. Agora havia cadáver e suspeito. Parece que duas fofoqueiras que trabalhavam com ele e com Alicia falaram o que não deviam, e Ernesto ficou marcado. Elas disseram que tinham certeza de que entre Ernesto e Alicia havia uma relação. Deviam se achar muito vivas, muito espertas. E não sabiam nem metade do que estava acontecendo. Bom, mas mulheres que trabalham toda a vida em escritórios são assim. Invejosas, metidas, fofoqueiras. Quanto mais perto do microcentro trabalham, pior. Deve existir um ecossistema que as incuba. Como não têm horas livres para viver a própria vida, vivem através da vida dos outros. O escritório é sua vida. Vivem de segunda a sexta e não suportam o fim de semana. Querem a todo custo que chegue a segunda-feira de novo, para que aconteça algo.

Pobres. Como Alicia, que inventou uma vida própria com Ernesto. Uma vida clandestina, passageira, sem futuro. Uma vida de segunda a sexta, de oito e meia a dezenove horas. E, o que é pior, uma vida arruinada por seu próprio sangue. Algo tão malfeito, como poderia terminar? Que triste. E que previsível. Minha mãe teria percebido no ato. Até eu teria percebido.

O certo é que essas duas mulheres declararam que entre Ernesto e Alicia havia uma relação. “Tudo bem, elas podem ter dito o que quiserem, mas você declarou que vimos *Psicose* juntos naquela noite, e eu vou dizer o mesmo quando me perguntarem”, eu disse. E acrescentei, aparentando mais tranquilidade do que sentia, para lhe levantar o ânimo: “Temos um álibi, querido!” “Eu declarei que você via *Psicose* na televisão da sala, enquanto eu dormia no quarto”, corrigiu ele. Não era o que tínhamos combinado. “Eu não queria dar mancada. Se me perguntassem algo do filme, eu ia me enrolar. Dormir, ao contrário, é uma mentira mais fácil de sustentar”, ele explicou. E me pareceu inteligente. Bom, é preciso aceitar que tonto Ernesto não é. Mas claro, é homem e, portanto, capaz de confundir Tyrone Power com Mel Gibson. E a coisa, tal como ele havia colocado, funcionava da mesma forma. Porque, se Ernesto tivesse saído de casa, eu teria visto. Bom, é uma maneira de dizer, porque claro que Ernesto saiu de casa, e eu de fato o vi. O *think in English* de Mrs. Curtis. Mas, pensando em termos de nosso álibi, estava tudo bem. Tudo bem, menos Ernesto, cuja cara destruiria qualquer álibi. O frango com laranja esfriava no prato. “É que tenho medo que pensem que você está me encobrindo.” “Ai, Ernesto, não seja tão negativo! Aquela gente não pensa nada.” O problema continuava o mesmo: não havia outros suspeitos. A justiça está cada vez pior. Ficam com a primeira conclusão a que chegaram e não investigam mais nada. Era evidente que ser o único suspeito não nos deixava muito bem. “É preciso gerar outros suspeitos, inventá-los”, eu disse. Ernesto reagiu mal, disse que eu sempre penso loucuras, como inventaríamos coisas que depois se voltariam contra nós, que de maneira

nenhuma ele faria uma coisa dessas. Isso foi o que ele disse. Mas sua cara parecia estar dizendo outra coisa. Por isso, insisti. “Essa garota tinha algum inimigo?” “Não, todos gostavam dela.” *Menos a sobrinha*, pensei. “Quem herdou as coisas dela?” “Não sei, acho que os pais; não tinha filhos.” *Mas tinha uma sobrinha*, pensei sem falar nada. “Ou seja, a princípio, se é preciso descartar o motivo econômico e o ajuste de contas... só resta o crime passional”, eu disse, e soou como em uma série policial. “E é aí que eu saio perdendo”, Ernesto se apressou em dizer. “Porque você está sozinho. É preciso agregar alguém a esse motivo.” O terceiro lado do isósceles. A terceira na discórdia. Ou a quarta? Charo era a candidata ideal. Não gostava dela (da morta), poderia herdar parte de seu dinheiro e estava envolvida com o amante da tia, amante do meu marido. Era perfeito. Ernesto só precisava somar dois mais dois e falar. Mas ele não era tão bom em matemática. “Todo mundo sabia que não tinha outro homem na vida de Alicia”, disse, como se tivesse falado uma frase importante. Com a qual me preocupei não só porque Ernesto não era capaz de entender com a rapidez que as circunstâncias exigiam, mas porque as duas mulheres que tinham prestado declarações acabaram se convertendo em “todo mundo”. “Embora queiramos inventar um homem, ninguém vai acreditar”, continuou. E eu o corriji, dizendo como se fosse óbvio: “Vamos inventar uma mulher”. Ernesto me olhou, surpreso. “Uma mulher que esteja suficientemente louca por você para querer tirar Alicia do meio.” Ernesto disse: “Isso é loucura”. Acho que disse exatamente isso. Palavras mais, palavras menos. “Alguém que seja capaz de escrever cartas e assinar ‘Tua’...”, continuei. “Você mexeu nas minhas coisas”, ele se atreveu a dizer. “Alguém que tire fotos suas nu.” “Inés, não posso acreditar”, disse. “Alguém que seja capaz de ir ao Rio com você, passar o fim de semana.” “Não, não, de maneira nenhuma”, ele disse. “É só questão de enfiar tudo em um envelope e enviar ao lugar certo.” “Não”, ele voltou a falar, mas não soava mais tão firme. Então arrematei com uma frase que acho que foi

definitiva: “Você seria capaz de ser preso por ela?”

Ernesto não respondeu.

“O que você está pensando?”, perguntei, sabendo que não me responderia. Ernesto continuou me olhando sem falar nada.

E não insisti mais.

Não, Ernesto não seria capaz.



— Oito dois cinco, oito três, oito três.

— Alô?

— Desculpe, o Guillermo está?

— Um momento, quem está falando?

— Lali.

— Ah, sim, um segundinho.

— ...

— Alô?

— Oi, Guillermo, desculpa incomodar, eu sou a menina que estava na outra noite...

— Sim, eu sei quem é. Que bom que me ligou!

— ...

— Como vão as coisas, menina?

— Bem.

— Bem?

— Ah, mais ou menos.

— Está em casa?

— Sim, estou em casa.

— Viu, isso é bom. Isso é muito bom.

— Ah, na verdade agora estou no telefone público de um shopping, mas à noite vou para casa.

— Tudo bem, tudo muito bem.

— ...

— ...

— Te liguei porque estou com um problema.

— Se está só com um problema, então está melhor que naquele dia!

— ...

— Ria um pouquinho que vai fazer bem ao goleador.

— ...

— Viu? Gosto disso. Anda, me conta.

— A barriga fica um pouco dura, muito dura e depois volta ao normal. Pensei, não sei, que talvez a sua mulher saiba o que pode ser.

— Menina, está brincando?

— Não, por quê?

— Você está com contrações. Já perto da data de nascer?

— Nem ideia.

— Você está me zoando...

— ...

— O que o médico te disse?

— Não, eu... eu não fui ao médico desde que estou assim.

— Não... O pior de tudo é que você não está zoando...

— ...

— Bom, fica aí que eu vou te buscar e te levo ao hospital.

— Ao hospital?

— E onde você quer ter o bebê, menina?

— Mas então pode ser que já esteja para nascer?

— Eu não sei, sou representante comercial, vendo zíper e essas coisas, menina, mas por via das dúvidas vou te levar agora mesmo ao hospital. Me dá o endereço desse shopping.

— ...

— Alô...

— ...

— Alô!!!

— ...

— Puta que pariu. Desligou!



Tiraram o cadáver de Alicia Soria do refrigerador e o colocaram sobre a mesa. Um cartão confirmava sua identidade graças à análise da arcada dentária que tinha sido feita dias atrás. A medalha com suas iniciais e a data do nascimento não eram prova suficiente para confirmar sua identidade, do ponto de vista forense. De outros pontos de vista, sim. Seu pai sabia que era ela. Sua mãe sabia. Charo, Ernesto e Inés sabiam, embora não tivessem visto a medalha.

Abriram o zíper da bolsa plástica, e o cheiro da morte de Alicia invadiu a sala. “Corpo em estado muito avançado de decomposição”, ditou o legista ao assistente que tomava notas para fazer o relatório. O legista examinou o corpo. Primeiro externamente, buscando traumatismos, cortes, buracos de bala. Rotina difícil de aplicar em um corpo tão decomposto e, o que era pior, com perspectiva de ser inútil, já que tudo indicava morte por afogamento. Rotina. Girou o corpo sobre a mesa e continuou sua busca. Algo chamou sua atenção. “Infiltração sanguínea pré-vertebral”, ditou ao assistente. Apalpou o pescoço, de cima a baixo. E

acrescentou: “Fraturas da sexta e sétima vértebras cervicais, com separação quase total de fragmentos e distensão medular”. Virou o cadáver para cima outra vez. Pegou o bisturi sabendo que nem tudo era tão evidente naquele corpo morto. Desenhou um y sobre ele. Teve cuidado e não rasgou os seios de Alicia com o corte. Quando completou o desenho, entregou o bisturi ao ajudante e puxou a pele. O ajudante passou a serra elétrica, e o legista seccionou a caixa torácica. Quebrou o esterno. Desarticulou as clavículas e chegou aos pulmões. Um ajudante se encarregou da evisceração. Tirou os órgãos de Alicia em bloco e depois os separou para ser medidos e pesados. Começou pelos pulmões. Todos souberam que Alicia não tinha morrido afogada. “Não existe evidência de água nos pulmões”, ditou o forense.

O ajudante retirou o que restava. Quando foi a vez do útero, cortou-o, como indica a rotina para certos órgãos, para depois guardar os pedaços em formol. Mas, depois do primeiro corte, duvidou, e já no segundo trabalhou com mais cuidado. Não cortou pela terceira vez. Chamou o legista; este se aproximou, abriu o órgão pelo corte, olhou e assentiu. Depois ditou: “Possível gravidez de aproximadamente doze semanas”.

Encheram o corpo de panos, costuraram com cuidado e o lavaram.

O fechamento foi de baixo para cima, e o corpo de Alicia entrou outra vez na câmara fria.



Ernesto me esperou no quarto. Fui até a caixa de ferramentas. Subi a escada, levando a caixa com uma sensação estranha, como se fosse parte de um filme e a câmera estivesse me seguindo degrau por degrau. Eu, a protagonista, iluminada no centro da tela. Até repetia mentalmente uma dessas músicas instrumentais, típicas de cenas como essa. Foi estranho. Mas eu gostava, me sentia importante, estava a ponto de fazer algo que seria fundamental para o futuro de minha família. Algo que me colocava em um lugar privilegiado. O lugar daqueles que fazem coisas que influenciam os demais. Tem gente que passa pela vida sem deixar marcas. Muito triste. Como minha mãe, cujo único feito na vida foi odiar meu pai, e isso deixou marcas somente nela. Porque eu falo muito do assunto, mas, na verdade, era a vida dela, o marido dela. Eu estava fora. Como Lali. Se mamãe o tivesse matado, teria sido outra coisa, mas odiar... Eu mesma, se não fosse por tudo que o acidente de Alicia desencadeou, teria morrido sem pena nem glória. Mas ali estava, subindo como uma rainha, levando nos braços a oferenda para os deuses que me esperavam no altar (ou seja, a

caixa de ferramentas para Ernesto, que me esperava no quarto).

Quando entrei, Ernesto estava sentado na cama. Deixei a caixa perto dele e me sentei do outro lado. Isso também foi lindo. Ernesto e eu estávamos sobre a cama, dividindo algo. Como quando éramos jovens e ficávamos olhando fotos, ou como quando ficávamos a manhã inteira, sem pressa, lendo o jornal. Não posso jurar sobre a Bíblia que alguma vez fizemos uma coisa ou outra. Depois de vinte anos, o casamento deixa de ser o que é para se converter no que acreditamos que seja. As coisas se misturam; o que se passou com outro poderia ter se passado com a gente. É tudo tão parecido, sobretudo em casamentos como o nosso, do tipo família modelo. Não sei se alguma vez fiquei olhando fotos na cama com Ernesto, mas, mesmo se não o fiz, poderia ter feito. E a sensação era essa, a de ter recuperado algo que tivemos uma vez.

Ernesto levantou a tampa e recebeu o primeiro golpe. Viu o revólver de Alicia. “O que é isso?” “O revólver com o qual Alicia pensava em te matar.” Ele ficou me olhando. “Me matar?” “É o que imagino. Estava junto das suas fotos nu e das passagens para o Rio.” “Onde?” “No criado-mudo dela.” “Você foi ao apartamento dela?” “Fui.” “Isso é loucura, Inés! Alguém poderia ter visto você. Alguém te viu?” “Não.” “Tem certeza?” “Cruzei com o zelador, mas ele não me notou, e tomei um café no bar em frente, mas o garçom que me atendeu não tem como juntar as coisas.” “Que garçom? Um alto, grisalho?” “Isso, magro, de bigode preto... derrubou o açucareiro em cima de mim.” Ernesto ficou me olhando, tenso. Não sei se “tenso” é a palavra. Depois relaxou e pegou o revólver. Observou, analisou, empunhou como se fosse disparar. “Ernesto, cuidado que você pode machucar alguém!” “Está carregado?” “Claro, ela não ia te matar com um revólver descarregado.” Ernesto abriu o tambor e retirou as balas; voltou a fechá-lo e guardou tudo, revólver e balas, na gaveta do criado-mudo.

Começamos a analisar as coisas. As cartas assinadas “Tua”. Os beijos de batom. A caixa com os preservativos dedicados. Ernesto se opôs

terminantemente a que usássemos as fotos onde ele aparecia nu. Sentia vergonha, e já havia muito material incriminatório. A ideia era convencer a Justiça de que havia uma mulher com um motivo suficientemente importante para querer tirar Alicia do caminho. Uma mulher ciumenta, possessiva, perdidamente apaixonada por Ernesto. Uma mulher que o queria só para ela. E que conhecia muito bem os passos da falecida. Charo. Que, além do mais, pelo vínculo familiar que tinha com Alicia, era obrigada a ter contato com ela, a se encontrar em reuniões familiares, a suportar possíveis censuras. Tudo muito chato, quase insuportável, tanto que decidi acabar com tudo de uma vez e afastá-la. Organizei as ideias para Ernesto e acrescentei alguns itens de minha autoria, para que sua fala parecesse convincente: que Charo era muito possessiva (evidência 1: carta número 1, “não aguento um minuto mais sem te ver”); que não suportava a ideia de que ele tivesse outra mulher (evidência 2: carta no guardanapo de papel, “quero você só para mim”); que era capaz de qualquer coisa (evidência 3: dedicatória na caixa de preservativo; nesse caso, a frase não é relevante, mas o fato em si); que tinha insinuado certa vez a ideia de se livrar de Alicia (evidência 4: frase na caixinha de fósforos do motel, “não pode existir nada que nos separe”). Ernesto depois diria, perante a autoridade competente, que até aquele momento ele só tinha tomado as frases citadas como palavras ditas por dizer. E que só depois de pensar muito se sentiu na obrigação de preveni-los de que, talvez, Charo tivesse algo a ver com tudo isso. Não ia ser fácil, Charo ia contra-atacar, mas Ernesto tinha um álibi: ficara em casa; eu comprovaria isso; dormia no quarto enquanto eu assistia a *Psicose*. Charo, não. Ernesto sabia, não me disse o que Charo tinha feito naquela noite, mas sabia que ela não tinha álibi. A menos que inventasse, como nós. Mas ela não contava com um aliado incondicional que a cobrisse, que a protegesse. Ernesto sim, ele tinha a mim.

Nessa noite dormi tranquila. Não fizemos amor, Ernesto estava

cansado. Mas eu estava feliz; tínhamos dividido tantas coisas, tínhamos estado tão próximos que isso era mais importante que a melhor transa que ele pudesse ter em seu fim de semana com Charo. Quando duas pessoas se conectam como tínhamos feito, a coisa pode durar toda a vida. Por outro lado, até a melhor atração sexual termina quando chega o orgasmo. E, depois, quero ver fazer subir a pipa de novo.

Pela manhã, Ernesto saiu mais cedo para fazer sua declaração espontânea na 31ª Delegacia, tal como tínhamos planejado. Não quis que eu o acompanhasse. “Quero te manter o mais distante possível disso.” Entreguei a caixa de ferramentas e ele foi embora. Estava nervoso, a ponto de não ter passado pelo quarto de Lali para se despedir. Estranhíssimo, mas uma sorte. Lali não tinha dormido em casa. Certamente estava na casa de sua amiga, como sempre, e não tinha avisado. Mas a situação teria gerado mais angústia em Ernesto, que já estava no limite.

Não tinham se passado nem cinco minutos desde que ele saíra de casa, e eu não conseguia ficar calma. Era como se não coubesse mais dentro de meu próprio corpo. Um dos fatos mais importantes de minha vida futura estava a ponto de se concretizar, enquanto eu, trancada em casa como todos os dias, decidia se trocava os lençóis da cama ou fazia com que aguentassem mais uns dias.

Tomei um táxi e fui até a delegacia. Mesmo que fosse só como voyeur, para comemorar de meu esconderijo minha vitória sobre Charo. Ou, melhor dizendo, *nossa* vitória, porque Ernesto e eu voltáramos a ser uma equipe. Fiquei surpresa ao não ver o carro de Ernesto estacionado nos arredores. Ele não gosta de pagar estacionamento. Aproximei-me da porta da delegacia e espiei. Não o vi. Talvez já estivesse dando o depoimento. Ninguém me perguntou o que eu estava fazendo, do que precisava, nem nada do tipo, mas eu não quis abusar da inoperância do pessoal de plantão e procurei um lugar de onde observar sem ser vista. Esperei uma hora e não aconteceu nada. Pensei em algumas alternativas, mas não tinha papel

para fazer um quadro sinótico, assim o criei mentalmente.

- *Alternativa 1: Ernesto está prestando depoimento e demorando porque a justiça é lenta.*
- *Alternativa 2: Ernesto está prestando depoimento e demorando porque despertou alguma suspeita e está preso.*
- *Alternativa 3: Ernesto teve um problema com o carro e se atrasou.*
- *Alternativa 4: Ernesto lembrou que tinha de passar pelo escritório e adiou o depoimento em algumas horas.*
- *Alternativa 5: Ernesto já está chegando.*

Esta, na verdade, não era uma hipótese, era o que eu estava vendo. No preciso momento em que tentava pensar numa quinta alternativa, Ernesto passou dirigindo seu carro. As alternativas 1 e 2 ficaram automaticamente descartadas, e não importava muito mais se ele havia demorado devido à alternativa 3 ou 4, pois o importante era a 5. Ernesto já estava ali.

Estacionou na esquina e desceu do carro. Mas não estava sozinho; do lado do passageiro desceu um homem alto, magro, de cabelos grisalhos. Alguém que eu conhecia, mas de quem não conseguia me lembrar. Cruzaram a rua juntos, Ernesto alguns passos adiante, como se o guiasse. Sem a caixa de ferramentas. Antes de entrar, o homem arrumou os cabelos olhando o próprio reflexo na janela de uma viatura. Passou por mim. Então, vi o bigode negro. Senti uma doçura relaxante na boca e não tive mais dúvidas. Era o garçom que derrubara o açúcar em mim na manhã em que eu estivera no apartamento de Alicia.



— Está doendo muito.

— Sim, eu sei, menina. Você precisa afrouxar, o mais relaxadinha possível, que tenho que fazer o exame de toque.

— O que é isso?

— Quero ver se você está com dilatação.

— Estou com medo...

— Calma, querida, relaxe o máximo que puder.

— O que você está fazendo comigo?

— Nada, menina, um toque. Nunca foi ao médico, não?

— Não.

— Você teve sorte, parece que está tudo bem.

— ...

— Bom, bom, não chore que daqui a pouco vai estar com seu bebê nos braços. Vamos lá, calma, fique bem relaxadinha.

— ...

— Está vendo que não é nada, querida? Mais um dedinho...

— ...

— Mais um segundinho e já termino.

— ...

— Relaxe, por favor, ou não consigo fazer o exame de toque direito.

— ...

— Aqui, toquei a cabecinha.

— ...

— Não chore, florzinha.

— ...

— Bom, vou pedir uma sala de parto agora mesmo. Está com seis centímetros de dilatação. Já está saindo.

— Estou com muito medo.

— Mas por que medo?

— ...

— Fica tranquila, calma que é coisa simples.



Inés chamou um táxi e foi para casa. Entrou na cozinha. Foi até a pia e colocou as luvas de borracha. Luvas cor de laranja, de borracha grossa, tamanho M. Moveu os dedos no ar como se testasse diferentes movimentos. Sentiu-se estranha, tirou as luvas com um puxão e as jogou contra a parede de azulejo branco, bem em cima da chaleira e da xícara azul e branca. Saiu e foi até o quarto. Torceu o tornozelo entre o terceiro e o quarto degraus. Continuou mancando pelo restante da escada, mas não diminuiu o ritmo. Bateu a porta do quarto contra a parede. Entrou. Foi até o guarda-roupa e mexeu em tudo. Cada estante, cada gaveta. Não encontrou o que procurava. Parou um instante para pensar. Lembrou. Foi até o quarto de Lali. Ficou feliz por ela não ter voltado.

Subiu em um banquinho e enfiou a mão até o fundo da última estante do guarda-roupa da filha. Seu braço se moveu de um lado para o outro, apalpando. Sua mão reapareceu com uma bolsa de plástico. Desceu, abriu a bolsa e tirou um vestido amarelado que certa vez havia sido branco. O vestido da primeira comunhão de Lali. Jogou-o no chão. Depois pegou a

touca, a cestinha de santinhos, o rosário. Tirou uma luva. Viu se era a direita. Colocou-a com dificuldade. Era pequena e estava dura pelos anos. Juntou tudo rapidamente e saiu do quarto. Entrou em seu quarto com a luva. Foi direto até o criado-mudo de Ernesto, pegou o revólver e as balas que certa vez tinham sido de Alicia. Que certa vez estiveram no tambor. Com a mão direita. Sem apertar muito, somente segurando, para que as impressões digitais de Ernesto não se apagassem. Precisou da mão esquerda para carregá-lo, e usou um lenço. Enfiou tudo na bolsa, o revólver carregado, o lenço e, por último, a luva. Foi até o closet e trocou de roupa. Procurou no guarda-roupa e viu o terno cor de areia do dia em que fora ao apartamento de Alicia. Pareceu adequado terminar essa história como havia começado, então o vestiu. Algo estava pesando no bolso do terninho; enfiou a mão e encontrou as chaves de Alicia, o molho de chaves etiquetado que havia encontrado na gaveta da mesa dela. Guardou-as no bolso de modo que não fizessem tanto volume, mas não se atreveu a deixá-las.

Desceu correndo as escadas, bateu a porta, sem trancar, e foi embora.



Na cidade de Buenos Aires, aos 17 dias do mês de dezembro de 1998, comparece ante V.Ex.^a e Secretário atuante uma testemunha espontânea, a quem se realizará a *declaração testimonial*. Ato seguido, V.Ex.^a pede o juramento ou promessa de dizer a verdade de tudo que souber e for perguntado, de acordo com suas crenças, sendo instruído das penas correspondentes ao delito de falso testemunho, para o qual foram lidas as disposições legais pertinentes do Código Penal e expressou “Eu juro”. São enunciados os direitos que ele possui, previstos nos artigos 79, 80 e 81 do *cpp*, dando-se leitura dos mencionados artigos.

Perguntado por seus dados pessoais diz chamar-se *alberto garrido*, com identidade através do documento 12.898.610, que exhibe e guarda para si, de profissão garçom de bar, divorciado, nascido em 6 de março de 1960, em Buenos Aires, filho de Enrique Garrido e Elena Gómez, domiciliado à Rua Yatay, 2341, nesta cidade.

É convidado a manifestar quanto conhece do caso, declarando: “Me apresentei esta manhã na 31^a Delegacia, de onde me encaminharam a este tribunal, para contribuir com um dado muito importante para o caso. No dia da desapareição de Alicia Soria, atendi no bar uma senhora muito nervosa, vestida com um terno cor de areia, que tinha saído do edifício da mencionada Soria e que observava os movimentos do edifício com atitude suspeita. Lembro-me perfeitamente dela porque me chamou atenção que estivesse usando luvas de borracha”. V.Ex.^a pergunta: “De borracha?” A testemunha responde: “Sim”. Perguntado por V.Ex.^a se tem conhecimento da identidade dessa mulher, a testemunha manifesta: “Até há pouco tempo não tinha, mas ontem um cliente habitual do bar, o senhor Ernesto Pereyra, entre um trago e outro, me manifestou sua preocupação por ser o único suspeito em um crime que não havia cometido, e sua inquietude e seu temor porque suspeitava que sua mulher, Inés Pereyra, estaria envolvida

neste lamentável fato, o qual, pelo vínculo e o apreço próprio daqueles que estiveram casados por tantos anos, impedia que procurasse a justiça e liberasse suas suspeitas. Mostrou-me uma fotografia que sempre leva consigo e a mesma coincidia em 100% com a mulher que vi no dia do desaparecimento de Alicia”. Perguntado por V.Ex.^a por que não se apresentou anteriormente a este tribunal para dar seu depoimento, a testemunha manifesta: “Porque às vezes julgamos sem saber, e tinha medo de envolver alguém que não tivesse nada a ver, simplesmente por uma atitude nervosa ou pouco comum. Mas, quando o senhor Pereyra me manifestou seus temores e me mostrou a foto, minha consciência me disse que tinha que me apresentar e dar meu parecer, e se estivesse equivocado ou não tivesse nada a ver, a Justiça se encarregaria de demonstrar”. Perguntado por V.Ex.^a se quer agregar, excluir ou emendar algo do que foi expressado, responde: “Não”, com o que se dá por finalizado o presente ato, prévia leitura em voz alta do Escrivão, assinando o comparecente para sua constância, depois de V.Ex.^a e na minha frente, por isso *dou fé*.



Peguei um ônibus até o microcentro. Não gosto de dirigir, ainda menos quando estou nervosa. E, para que negar, estava nervosa. Parecia que algo dentro de meu corpo ia sair pelas orelhas. Algo quente, algo em ebulição. As tripas? Sentei-me no primeiro banco. Olhei pela janela. Tentei me acalmar. Tentei respirar profundamente. Por que parei de fazer ioga? O semáforo da Cabildo com a Juramento não estava funcionando. Árvores, carros, prédios. Mexi no molho de chaves de Alicia. Porque a professora de ioga falava muito, acabava me deixando nervosa. Com voz calma, pausada, da luz interior, da mãe Terra, mas era muito. Passou um grupo de adolescentes com roupa de colégio. Quatro ou cinco. Pensei em Lali. O que viria não seria fácil para ela. Sempre viveu em uma redoma de vidro. Sempre distante de todos os problemas da casa. Protegida de todos os perigos possíveis por seu pai, que ironia. E de repente o mundo estava para ruir. Já tinha ruído, para ser mais precisa. Mas o pior era que podia cair bem no meio de sua cabeça. Bom, era a lei da vida. Também tinham me dado uma martelada no meio da cabeça. Ela teria de amadurecer, não

havia alternativa. Aos golpes, como acontecera com tantos de nós. Árvores, prédios, carros. Como se passou comigo no dia em que meu pai foi embora e não voltou mais. A gente acha que tem tudo, que nossa família é um modelo e, de um dia para o outro, tudo muda. Não sei se Lali vai conseguir. Acho que não. Mas eu não podia pensar nela naquele momento. Uma vez na vida, tinha de pensar em mim. Teria sido a única coisa que me faltava. Propaganda de batom, carros, prédios. Vermelho, amarelo, verde. As chaves de Alicia no meu bolso. O revólver na bolsa. Repetia para mim mesma os passos a seguir. Apesar de Lali. Tirei da bolsa o quadro sinótico sem tocar o revólver. Item 1, banco vinte e quatro horas. E me concentrei nisso. Árvores, edifícios, carros. Item 1, banco vinte e quatro horas. Depois pensaria no item 2. E no 3, e no 4. Pouco a pouco. Carros, prédios. Gente que ia e vinha. Não queria pensar nele. Em Ernesto, não. Esquinas de Buenos Aires, buzinas. Item 1, banco vinte e quatro horas. Cheguei a meu destino. Desci do ônibus pela porta traseira. Como deve ser. O sinal não funcionava. Gritei. O motorista também. Não o xinguei porque não é meu estilo, mas teria xingado. Caminhei, choquei-me com alguém, me empurraram. Gente, muita gente. Na calçada oposta, apareceu o primeiro banco vinte e quatro horas. Cruzei. Esperei minha vez. Os que estavam na minha frente demoraram, demoraram todo o tempo do mundo. Claro, eles não sabiam de nada. Fiquei impaciente. Chegou minha vez. Olhei o saldo. Havia quase dez mil dólares. Tentei sacar, mas só me deixavam tirar setecentos pesos. Tirei todo o dinheiro permitido. Item 2, repetir item 1 quantas vezes fosse necessário. Fiz o mesmo assim que apareceu outro banco. A máquina me informou que a operação era inválida, que não podia sacar mais dinheiro no mesmo dia. Não sabia, eu nunca usava o banco vinte e quatro horas. Pegava o dinheiro que Ernesto me dava no início do mês e ia administrando. Também tinha o dinheiro da minha conta bancária, meu cofrinho, o que começou como um buraco na parede de tijolos da garagem. Mas não queria tocar nele, talvez tivesse de

enfrentar tempos difíceis pela frente. Tentei outro caixa, por via das dúvidas. Informou-me o mesmo. Fui direto ao banco. Ao de Ernesto, não ao meu. Não queria, mas não tinha alternativa. Entrei na fila. Esperei. Ninguém tem pressa quando a gente tem? Fui atendida por um funcionário, disse que queria fechar a conta Pereyra Ernesto e/ou Lamas Inés. Perguntou-me se era a titular da conta, eu disse que sim. Mas ele verificou e me disse que Ernesto precisava assinar os papéis. Eu disse que era uma pena, mas que Ernesto estava viajando. Ele disse que então não poderia fechar a conta. Eu disse que precisava do dinheiro para pagar a operação de minha mãe. Um lugar-comum difícil de acreditar. Não sei, foi o que saiu. Chorei. Parece que o bancário ficou tocado com meu lugar-comum. Pediu que não chorasse, que, se o que precisava era o dinheiro, que fizesse o saque. Perguntei como fazia sem a assinatura de Ernesto. Respondeu que, para tirar dinheiro, não precisava de assinatura, só para fechar a conta. Fiquei pensando que, se fosse dona de um banco, mudaria normas tão idiotas, mas sorri e pedi que fizéssemos a operação o quanto antes. Que a vida de minha mãe dependia disso. O funcionário foi até sua mesa, sentia-se importante. Sugeriu que eu deixasse cem pesos para que a auditoria não fechasse a conta. Era outra norma do banco. Cumpri com mais essa. No caixa, me entregaram as notas. Fui ao banheiro e as escondi. Dividi as notas no sutiã, na calcinha, e o trocado na bolsa. Eram novas e escorregavam. Saí. Entrei em uma loja de roupas e comprei um jeans e um casaco de couro preto. Paguei em dinheiro. Dei meu terninho cor de areia para colocar na sacola e saí usando a roupa nova. No primeiro lixo, deixei a sacola com o terninho cor de areia. Senti pena. Entrei em um locutório mas não liguei, só pedi a lista telefônica. Procurei: “Aluguel de carros” e “Perucas”. Correspondiam aos itens 3 e 4. Lembrei que as chaves de Alicia tinham ficado no terninho cor de areia, no lixo. Mas não tinha importância, melhor ainda, era uma boa maneira de me livrar desse macabro souvenir. A agência de carros mais próxima estava a três

quarteirões, e a loja de perucas, a vinte, mas tinha de começar pela peruca. O item 3 era comprar uma peruca. Peguei o metrô, não me deixava muito perto, mas não me faria pensar tanto quanto a viagem de ônibus. Táxi não, não tinha costume. “Para que andar distribuindo dinheiro”, teria dito mamãe. Cheguei à loja de perucas. Entrou uma mulher antes de mim. Vinha vender os cabelos. Compram para fazer perucas naturais. A funcionária se interessou e chamou a gerente. Discutiram o preço por alguns minutos. Eu estava impaciente, mas entretida. Nunca tinha visto ninguém vender os cabelos. Negociaram, a mulher deixou claro que parecia pouco o que estavam oferecendo, mas aceitou. Ela foi embora. Chegou minha vez. Escolhi uma peruca castanho-escuro, até os ombros, lisa. Típica cabeça argentina. Embora quase todas queiramos ser loiras. Ou parecer loiras. E fazemos reflexo, descolorimos as sobrancelhas e até esquecemos que certa vez nossos cabelos foram outros. Loiras tingidas. Loiras ásperas. Loiras de pura inveja. Loira como eu. Provei a peruca castanha. Ficava bem. Havia outra, esplêndida, escura, quase negra, de cabelos compridos e lisos. Como Charo. Provei só para ter o gosto, vai saber quando teria a oportunidade de provar outra vez uma peruca. Arrumei as mechas sobre os ombros. Como ela. Se Charo fosse vender os cabelos, eles comprariam. Saí usando a peruca. A castanha. A que sou e não quero ser. A típica. Olhei através do vidro como a vendedora voltou a acomodar a peruca morena na cabeça de isopor branco na vitrine. Com cuidado, abriu as mechas e as acomodou para que brilhassem. Ocupava o centro da vitrine. O resto ficava opaco. Não existia. Nem sequer as loiras. Peguei outra vez o metrô até a agência de carros. Entrei. Sentei-me na recepção para esperar que o único funcionário à vista terminasse de atender um homem evidentemente estrangeiro. Fazia calor, e a poltrona de couro se enchia de suor debaixo das minhas pernas. Sentia-me molhada. E nervosa. A peruca também me dava calor. Coçava, mas não me pareceu de bom tom coçar. *Os sapatos me apertam, as meias me dão calor...* Por que o

pensamento se vai sem controle para qualquer parte em momentos como esse? *E o vizinho da frente...* O estrangeiro foi embora, e eu parei na frente da mesa antes que o funcionário me chamasse. Pedi um carro. O mais barato. O funcionário me ofereceu um. Perguntei de que cor era. Vermelho. Recusei no ato, tinha de ser cinza. Um carro cinza, comum, barato, desses que circulam por todos os lados em Buenos Aires. Como a peruca castanha. Havia um. Sem ar-condicionado. Não me importava, imagine se àquela altura ia me preocupar com o ar. Aluguei. Paguei em dinheiro. Um roubo, alugar um carro neste país é um roubo. Achei que tudo estava concluído, mas o imbecil do funcionário pediu que eu assinasse um cupom de cartão de crédito como garantia. Não gostei. Não queria deixar rastros. Por isso pagara em dinheiro. Neguei-me. Discuti com o funcionário. Corrijo-me: impossível discutir com um imbecil. Não, eu nunca havia alugado um carro antes, e daí? “São as normas”, me disse, e acrescentou: “Não posso fazer nada”. “Sim, pode ir à merda”, eu disse a ele, não estava mais para sutilezas. Tinha vontade de matá-lo. Poderia ter matado. Assinei o cupom e ele me entregou as chaves e os documentos. Fui ao subsolo e retirei o carro. Antes de sair, arranquei todos os decalques da agência e os joguei pela janela.

Arrumei a peruca no espelho retrovisor.

E parti.



Fotocópia de livro editado na Espanha, compêndio de diversos ensaios apresentados no *xii* Congresso Nacional de Psicologia Aplicada, de 1995. O ensaio fotocopiado se denomina: “Uma aproximação à dactilopsicologia, traços psíquicos e outras considerações”, assinado por um grupo de psiquiatras espanhóis. A fotocópia foi encontrada no porta-luvas do carro alugado por Inés Pereyra. Sem comentários à margem.

L'uomo delinquente. Tal é o título de um trabalho realizado por Cesare Lombroso, ex-cirurgião do exército e diretor do Asilo de Pesaro, no qual, depois de estudar mais de seis mil casos de pessoas que haviam delinquido, encontrou características ou peculiaridades físicas que, supostamente, tendiam a se repetir.

Para Lombroso, o típico delinquente teria mandíbula larga, orelhas grandes, braços compridos e pômulos salientes. Para ele, sempre se baseando em seu estudo, um incendiário tinha cabeça pequena; um vigarista devia ser forte, com as mandíbulas largas e os pômulos salientes; um ladrão tinha as mãos compridas e, geralmente, porte alto e cabelo escuro.

Houve outras tentativas parecidas. O médico vienense Franz Joseph Gall desenvolveu a teoria da frenologia, que teve muita aceitação na época. Segundo essa teoria, o caráter da pessoa poderia ser descoberto observando-se a forma do crânio. Para ele, as tendências domésticas estavam concentradas na parte posterior do crânio; as aptidões intelectuais, na parte frontal; a generosidade, na superior; e o egoísmo e o egocentrismo, nas laterais. Seus seguidores chegaram

a classificar mais de quarenta características e asseguravam que era preciso apenas medir a cabeça para que soubessem se estavam diante de um bebedor empedernido, um jogador compulsivo ou um ladrão.

As teorias de Lombroso e Gall pouco a pouco foram desmentidas pela realidade. No entanto, embora suas técnicas tenham fracassado, a essência do que defendiam não morreu totalmente. Inclusive na psicanálise, não só aqueles que trabalham na prática forense, mas também muitas pessoas comuns continuam tentando encontrar um padrão que possa indicar quem poderia, e quem não, ser um delinquente em potencial. Ou um assassino.

Talvez o mais assombroso seja que essa inquietude não se deve tanto a poder definir essa possibilidade no outro, mas em si mesmo.

A garantia de que nunca poderemos nos converter em um monstro.



Encontrei um lugar bom para estacionar. Na esquina anterior, do mesmo lado da rua, a uns vinte metros do escritório de Ernesto. Um pouco antes da saída da garagem. Coloquei os óculos escuros que havia comprado na rua, enquanto ia do quarto ao quinto banco vinte e quatro horas. Porcaria, baratos, mas escuros. Esperei. Pensei em Lali. Ela não seria capaz. Liguei o rádio. Procurei um locutor que falasse muito e tivesse uma voz forte. Alguém que não me deixasse pensar em outra coisa, nem sequer no que estava dizendo. Encontrei um que cumpria com os requisitos. Coloquei o volume o mais alto que permitia minha dor de cabeça. Esperei. Senti as pernas dormindo e comecei a mover os pés em círculos. Quinze vezes à direita. Quinze vezes à esquerda. Lembrei-me da peruca escura, a de cabelos suaves, compridos, lisos. Outra vez quinze à direita. Quatro à esquerda e as portas da garagem se abriram. Saiu um carro. Abaixei os óculos um pouco para confirmar. Não era Ernesto. Desliguei o rádio. Liguei de novo. Procurei música. Deixei em uma canção velha, lenta. Lembrei-me de algo, mas não sabia o que era. Fiquei brava. Quase chorei.

Mas, apenas surgiram as primeiras lágrimas, voltei ao locutor e ao volume máximo. Pela entrada principal, saíram caminhando a recepcionista, o chefe do *rh*, dois office boys. A recepcionista caminhava em minha direção. Coloquei os óculos outra vez. Ela passou a meu lado, mas nem me olhou. Outra vez se abriu a porta da garagem. Era uma caminhonete. Azul, como o carro de Ernesto. Não sabia a marca, eu, de marcas de carro, não entendo nada. Mas era uma caminhonete, não um carro. Disso tinha certeza. Arrumei a peruca e tentei incliná-la um pouco mais para a direita. Como teria gostado da peruca escura! Quem sabe um dia... Outra vez se abriu a porta da garagem. Dessa vez era ele. *ave* 624. Ernesto Pereyra. Meu marido. Ainda meu marido. Liguei o carro alugado e o segui. Devagar. Ernesto ia muito devagar. Com o cotovelo na janela. Como se o mundo continuasse o mesmo. No primeiro semáforo, ligou a seta. Eu também. Não era o caminho de casa. Não me surpreendeu; por que iria para casa? Por que seria fiel por toda a vida? Por que me escolheria em lugar de Charo? Mais dois quarteirões. Ernesto parou na esquina seguinte. Eu não tinha onde estacionar o carro. Não queria passar, preferi manter uma distância prudente e observar em fila dupla e ao longe. Acendi o pisca-alerta. Apaguei, não queria chamar muita atenção, não seria bom. Passou-se o tempo. Alguns minutos. Cinco. Dez. Vi como o braço de Ernesto se erguia para fora da janela, cumprimentando. Olhei nessa direção. Charo cruzava a rua até ele. O semáforo ficou amarelo e ela acelerou o passo. Quase correu. Os peitos balançavam na corrida, debaixo da camiseta branca. Lembrei-me da taça de champanhe. Imaginei seus peitos sugados por uma taça de cristal presa a eles. Quase achei engraçado. Ela o beijou. Charo a Ernesto. Beijou-o através da janela aberta, deu a volta no carro e entrou. O carro de Ernesto se moveu. O alugado também. Sempre atrás deles. A uma prudente distância. Conversavam. Ernesto e eu nunca conversávamos quando andávamos de carro; cada um olhava para seu lado, ele dirigia, eu aproveitava a paisagem. Eles conversavam. Entraram em um

motel, na Rua Monroe. Ernesto e Charo. Eu passei, dei a volta no quarteirão. Passei outra vez na frente do motel. Dei outra volta no quarteirão. Procurei um lugar onde estacionar. Perto, mas não tanto. Escolhi uma rua tranquila, a três quarteirões, em uma paralela à Monroe. Na frente de uma casinha de tijolos à vista e madeirame branco. Precisava de pintura. Desci do carro com a bolsa. Caminhei até o motel. Passei na frente da porta e entrei. O funcionário me disse que não aceitavam mulheres sozinhas. Respondi que queria me masturbar. “Não, desculpe”, me respondeu um senhor com espinhas na cara. Saí. Olhei de um lado e do outro como se estivesse procurando alguém com quem entrar. Era loucura. Desisti imediatamente. Às vezes perdemos o rumo e somos capazes de pensar qualquer coisa. Ou fazer. Não, entrar com alguém não era o adequado. Entrei no estacionamento. Ninguém me viu. Procurei o carro de Ernesto. Tentei a porta. Estava trancada a chave. Eu sabia muito bem o que diziam os itens 6 e 7 do quadro sinótico, mas não tinha certeza de como executá-los. Pensei. Passei um bom tempo pensando. Tive uma ideia, talvez não fosse a melhor opção, mas era algo. Escolhi o pneu dianteiro do lado do motorista e o murchei. Fiquei mais tranquila. Sabia que o mecanismo estava em marcha e que talvez funcionasse. Sentei-me entre o porta-malas de Ernesto e a parede. Esperei. Pensei em Lali, em que não ia conseguir. Pensei em minha mãe; minha mãe estaria orgulhosa de mim. Pensei em Ernesto. Mas logo o apaguei da cabeça. Não me fazia bem pensar em Ernesto. Ele não merecia, um tremendo filho da puta. Esperei. Coloquei as luvas. Esperei. Ouvi passos. Sabia que eram eles, mas não me revelei. Abri a bolsa. Os sapatos de Ernesto raspavam o cimento a menos de um metro de mim. Que costume o do Ernesto, de arrastar os pés quando caminha. Todos os saltos gastos do lado de fora. Ernesto abriu a porta para Charo. Ela se sentou e abriu a janela. Eu escutei, só escutei, mas sabia. Eu o conhecia há mais de vinte anos. Ernesto caminhou pela frente do carro e foi até a porta do motorista. Disse “puta que pariu” e chutou o

pneu murchado. Tirou o paletó e o jogou sobre o banco. Fechou a porta em um golpe. Começou a caminhar até o porta-malas. Eu, para frente. Agachada. A tampa do porta-malas se abriu e Ernesto ficou atrás dela. Eu sabia que tirar o estepe levaria pelo menos dois minutos. Ernesto era metódico, organizado. Levantei-me. Na frente da janela de Charo. A janela que tinha sido minha. A tampa do porta-malas levantada me protegia do olhar de Ernesto. Ela me viu. Desfrutei desse instante. Apontei. Ela estava com medo, apesar dos peitos, apesar dos cabelos escuros. Estava com medo e não conseguiu sequer gritar. Apertei o gatilho e desenhei um buraco perfeito no meio de sua testa, por onde saiu um jorro de sangue. Joguei o revólver com as impressões digitais de Ernesto no banco traseiro e saí correndo. Sabia que Ernesto ia demorar alguns segundos para reagir; o temor o deixa paralisado. Como quando eu contei que estava grávida. Há dezessete anos. Ele é assim, essas coisas não mudam, embora estivesse saindo com uma mulher quinze anos mais jovem.

Não olhei para trás.

É provável que Ernesto tenha me visto. Que tenha visto uma mulher fugindo. Uma mulher de costas, de cabelos lisos e castanho-escuros, até os ombros.



- Nome completo?
- Laura Pereyra.
- Idade?
- Dezessete.
- Vou ter que avisar o juiz.
- ...
- Nome do pai.
- Não tem pai.
- E você, como podemos encontrar seus pais?
- Não tenho.
- Vai me dizer que está sozinha no mundo?
- Não, tenho uma filha.
- Vou ter que avisar o juiz.
- Faça o que quiser.
- Quer que avise alguém?
- Não ia avisar o juiz?

— Como quiser, se não se importa com ninguém...

— ...

— ...

— Espera, você pode anotar um número?

— ...

— ...

— Está bem.

— Oito dois cinco, oito três, oito três.

— Oito três, oito três.

— Avise que a Guillermina nasceu.

— Está bem.

— ...

— ...

— Obrigada.

— ...

— ...

— É linda a gordinha, não?

— É, muito linda.

— Com quem se parece?

— Com ninguém, por sorte não se parece com ninguém.



Caminho pela Rua Monroe e continuo ouvindo os gritos de Ernesto. Mais três quarteirões e já ouço a sirene da polícia. Estou tranquila. Pela primeira vez em muitos meses, estou tranquila. O sol bate no meu rosto. Em algum lugar, perdi os óculos escuros. É um dia espetacular. Com um dia como o de hoje, não pode acontecer nada de ruim. Não sei como vai terminar esta história. A gente nunca sabe. Acho que vão me encontrar. Ninguém pode passar a vida toda fugindo, por mais peruca que coloque. Mais cedo ou mais tarde, você pisa na bola e te pegam. Mas estou tranquila. Tranquila espiritualmente, e isso é o que importa. Paro em um orelhão e falo com mamãe. Começa com uma bronca, como sempre. Não me deixa falar. Faço com que pare, não sei como, mas consigo. Conto, mas ela não acredita. Não acredita que eu tenha sido capaz. Peço que me prometa que vai cuidar de Lali. Era a única coisa que não tinha resolvido. Foi um grande alívio para mim. De alguma maneira, sei que mamãe, com todos os seus defeitos, vai fazer com que Lali sinta que ainda tem uma família. Isso é muito importante para uma menina em uma idade tão difícil como a de

Lali. E, sobre Ernesto e sobre mim, obviamente nosso casamento está acabado. Dessa vez chegamos a um ponto sem retorno. Cada um vai jogar suas cartas para sair o melhor possível deste caso. E, nesse sentido, também estou tranquila. Porque, embora a Justiça seja cega, eu me encarreguei de colocar-lhe óculos. Talvez não tenham a lente de aumento necessária, talvez distorçam um pouco, mas são melhor que nada. O mais certo é que eu termine pagando pelo crime de Alicia, e Ernesto pelo de Charo. Item 6, matá-la; item 7, incriminar Ernesto. Rasgo meu quadro sinótico em mil pedaços e o jogo ao vento. Os pedaços se espalham em todas as direções. Que importa quem matou quem? Ambos matamos alguém. Mas por acaso todos os seres humanos não são iguais? Não valemos o mesmo? Uma compensação. No dia de nosso julgamento, Ernesto e eu poderemos nos queixar de que não cometemos o crime do qual somos acusados, mas não poderemos afirmar que somos inocentes. No fundo, ninguém é inocente. Embora todos sejamos animaizinhos de Deus. Alicia, Charo, Ernesto, eu. Matar um ou outro não muda, no quadro geral, a pena ou o castigo. Só a culpa. Eu não poderia ter matado Alicia. Muito menos Ernesto, que é o pai de minha filha.

Tua, sim. Tua é outra coisa.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Sumário

Capa	
Rosto	
Créditos	
	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
Cinco meses depois	
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29

30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
Colofon